

Esta publicação é parte do projeto de pesquisa "Mapeamento social das identidades e territórios de Mato Grosso", financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT). A proposta partiu do desejo de construir um mapeamento dos grupos sociais de Mato Grosso, evidenciando suas identidades e territórios, suas culturas e múltiplas sensibilidades e seus processos de conflitos e injustiças ambientais.

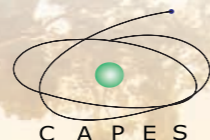
O mapeamento socioambiental torna-se, neste contexto, mais complexo, uma contribuição para que se considere o local da cultura pelas narrativas de seus habitantes. A proposta fundamental apresentada é um prognóstico das identidades e territórios, um mapeamento onde os protagonistas mapeados se percebem e se reconhecem como sujeitos principais, e por esta razão, esboçam este perfil protagonista.

Apresentamos aqui o Outro sempre negado no processo histórico de ocupação do Estado. Buscamos reconhecer as identidades de resistência e registrar, por meio das narrativas, a existência de diversos grupos sociais historicamente invisibilizados. Dessa maneira, o GPEA acredita poder contribuir para a visibilidade destes grupos, favorecendo o poder de escuta e de fala a eles, no desejo de se sentirem incluídos e protagonistas na formulação de políticas públicas para a autonomia de suas histórias.

Realização:



Agências de fomento:



Série
Mapeamento Social do
Estado de Mato Grosso
Nº 01

ISBN: 978-85-327-0414-6



9 788532 704146



MAPA SOCIAL mapeando os grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil

Regina Silva e Michèle Sato

MAPA SOCIAL

mapeando os grupos sociais do Estado de Mato Grosso – Brasil

Regina Silva
Michèle Sato





"Aos pés da cultura agonizante dos novos bárbaros, florescem, apesar deles, humanidades outras, em mundos outros, na periferia. A beleza, a grandeza - e quicá a última chance que teremos no planeta de sobrevivência da dignidade - esteja no fato de este mundo conter muitos outros mundos para além do nosso."
Luiz Augusto Passos

A esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e insurreições, eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro.
Jean Paul Sartre, no prefácio de "Os condenados da Terra" de Frantz Fanon

MAPA SOCIAL

mapeando os grupos sociais do
Estado de Mato Grosso - Brasil

Regina Silva
Michèle Sato



FAPEMAT
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de Mato Grosso





Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor

Francisco José Dutra Souto

Coordenador da EdUFMT

Marinaldo Divino Ribeiro

Conselho Editorial da EdUFMT



Presidente

Marinaldo Divino Ribeiro

Membros

Ademar de Lima Carvalho

Aída Couto Dinucci Bezerra

Bismarck Duarte Diniz

Eliana Beatriz Nunes Rondon

Frederico José Andries Lopes

Janaina Januário da Silva

José Serafim Bertoloto

Jorge do Santos

Karlin Saori Ishii

Marluce Aparecida Souza e Silva

Marly Augusta Lopes de Magalhães

Moacir Martins Figueiredo Junior

Taciana Mirna Sambrano

Elizabeth Madureira Siqueira

**Regina Silva
Michèle Sato**

MAPA SOCIAL

**mapeando os grupos sociais do
Estado de Mato Grosso - Brasil**


EduUFMT

**Cuiabá, MT
2012**

© Regina Silva | Michèle Sato, 2012.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação de lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S586m

Silva, Regina.

Mapa social : mapeando os grupos sociais do estado de Mato Grosso - Brasil / Regina Silva, Michele Sato. – Cuiabá, MT : UFMT, 2012.

64 p.

ISBN: 978-85-327-0414-6

1. Sociologia – Mato Grosso. 2. Grupos sociais – Mato Grosso. 3. Mapa social. 4. ZSEE – Zoneamento socioeconômico, ecológico de Mato Grosso. I. Sato, Michele. II. Título.

CDU 316.35

Ficha catalográfica elaborada por Sheila Cristina Ferreira Gabriel

Bibliotecária – CRB1 1618

Coordenação da EdUFMT:
Marinaldo Divino Ribeiro

Supervisão Técnica:
Janaina Janúario de Silva

Revisão e Normalização Textual:
Sonia Palma

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:
Regina Silva

Fotos:
Regina Silva
Michelle Jaber

Impressão:
Gráfica Print



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança
CEP 78.060-990 - Cuiabá, MT
Fone: (65) 3615 8322 - fax: (65) 3615 8325
www.ufmt.br/edufmt | edufmt@ufmt.br

PROJETO:

Mapeamento social das identidades e territórios de Mato Grosso
Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT
Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte, GPEA
Grupo de Trabalho de Mobilização Social, GTMS

COORDENAÇÃO DO PROJETO:

Dra. Michèle Sato
VICE-COORDENAÇÃO:
Michelle Jaber

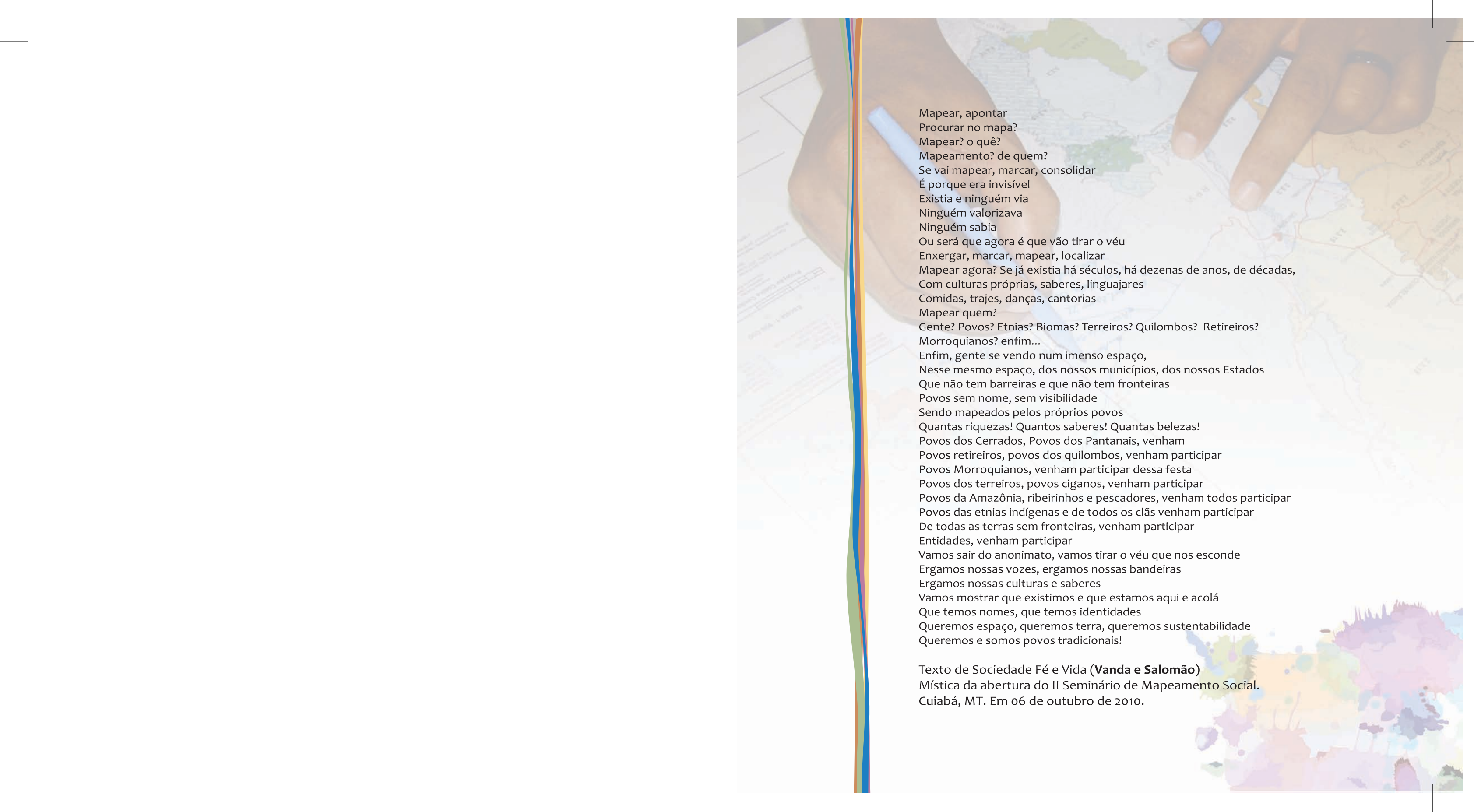
INTEGRANTES DO PROJETO:

Imara Quadros
Liete Alves
Michèle Sato
Michelle Jaber
Regina Silva

AGÊNCIAS DE FOMENTO:

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso, FAPEMAT





Mapear, apontar
Procurar no mapa?
Mapear? o quê?
Mapeamento? de quem?
Se vai mapear, marcar, consolidar
É porque era invisível
Existia e ninguém via
Ninguém valorizava
Ninguém sabia
Ou será que agora é que vão tirar o véu
Enxergar, marcar, mapear, localizar
Mapear agora? Se já existia há séculos, há dezenas de anos, de décadas,
Com culturas próprias, saberes, linguajares
Comidas, trajes, danças, cantorias
Mapear quem?
Gente? Povos? Etnias? Biomas? Terreiros? Quilombos? Retireiros?
Morroquianos? enfim...
Enfim, gente se vendo num imenso espaço,
Nesse mesmo espaço, dos nossos municípios, dos nossos Estados
Que não tem barreiras e que não tem fronteiras
Povos sem nome, sem visibilidade
Sendo mapeados pelos próprios povos
Quantas riquezas! Quantos saberes! Quantas belezas!
Povos dos Cerrados, Povos dos Pantanaís, venham
Povos retireiros, povos dos quilombos, venham participar
Povos Morroquianos, venham participar dessa festa
Povos dos terreiros, povos ciganos, venham participar
Povos da Amazônia, ribeirinhos e pescadores, venham todos participar
Povos das etnias indígenas e de todos os clãs venham participar
De todas as terras sem fronteiras, venham participar
Entidades, venham participar
Vamos sair do anonimato, vamos tirar o véu que nos esconde
Ergamos nossas vozes, ergamos nossas bandeiras
Ergamos nossas culturas e saberes
Vamos mostrar que existimos e que estamos aqui e acolá
Que temos nomes, que temos identidades
Queremos espaço, queremos terra, queremos sustentabilidade
Queremos e somos povos tradicionais!

Texto de Sociedade Fé e Vida (**Vanda e Salomão**)
Mística da abertura do II Seminário de Mapeamento Social.
Cuiabá, MT. Em 06 de outubro de 2010.



Palavras iniciais

O Estado de Mato Grosso-Brasil, localizado no centro da América do Sul, possui uma rica diversidade ecológica distribuída nos domínios da Amazônia, Cerrado e Pantanal. Na paisagem exuberante, existem identidades que, muitas vezes, estão à mercê do descaso histórico e da economia hegemônica do agronegócio que avançam sobre os ditos “espaços vazios”. O mapeamento dos grupos sociais, aqui apresentado, aponta-nos uma realidade complexa, denunciando que sempre existiram e existem VIDAS, e não somente “ESPAÇOS VAZIOS”.

Nesses ambientes diversos, coexiste um rico mosaico cultural de identidades interatuantes que, muitas vezes, estão invisibilizadas ou ainda são pouco conhecidas. Com isso, muitos grupos sociais não estão sendo contemplados na elaboração de políticas públicas no Estado de Mato Grosso (MT). Um exemplo disso foi percebido nas políticas que visam o ordenamento territorial do Estado, como o projeto de Zoneamento Socioeconômico Ecológico de Mato Grosso (ZSEE-MT) que não contemplou os diferentes grupos sociais que compõem a paisagem mato-grossense. Na tentativa de superar tal fragilidade e dar visibilidade a este belo mosaico cultural, iniciamos em 2008 uma ousada proposta de construir o “**Mapeamento das identidades e territórios do Estado de Mato Grosso**”, proposto e concretizado pela liderança do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e com a importante contribuição de diversos parceiros.

Ancorados na tríade **habitantes-hábitos-habitats**, foram mapeados os grupos que expressam identidades de resistências, com diferentes modos de vida que demarcam as características de seus territórios, estabelecendo uma relação intrínseca entre a cultura e a natureza. Neste percurso, elaboramos uma metodologia denominada **Mapa Social**, que contou com as **autonarrativas** dos representantes de vários grupos sociais, visando compreender a essência das identidades que constroem diferentes significados e atuam nos diversos ecossistemas mato-grossenses. Foram realizados dois Seminários de Mapeamento Social, em 2008 e 2010. Neste período, em uma abordagem de cunho etnográfico, foram também realizadas pesquisas de campo.



Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo.
Carlos Drummond de Andrade

Fotos dos Seminários de Mapeamento Social, 2008 e 2010.

Aos grupos sociais, aos povos indígenas,
aos povos quilombolas, aos povos e
comunidades tradicionais de Mato Grosso, Brasil.

Na busca pela espacialização dos grupos foi elaborado o “**Mapa dos grupos sociais**” que será apresentado nesta publicação. Outras publicações serão organizadas nesta série “Mapeamento Social do Estado de Mato Grosso”; o próximo número será uma publicação com os resultados do mapeamento dos conflitos socioambientais.

Reconhecemos que a diversidade de grupos sociais de MT não se limita aos aqui apresentados. Muitas e importantes identidades ainda não foram mapeadas. Mas, acreditamos que este mapeamento representa um importante passo nessa longa caminhada. Nossa esperança é que com apropriação deste estudo possam nascer subsídios para articulamentos, parcerias e alianças em que os grupos sociais sejam fortalecidos na luta pela proteção dos ecossistemas do Estado e possam ser contemplados nas políticas públicas. A educação ambiental vem de mãos dadas nesta ciranda, aliada à valorização da cultura, na ousadia da reconstrução de sociedades sustentáveis, que ressignifique valores como justiça ambiental, pertencimento e democracia. Há pontos e linhas frouxas, mas há, também, um território onde florescem nossas **esperanças** que transcende esse tempo tirano, resgatando as tessituras dos SONHOS COLETIVOS.

« mudar um pedaço do mundo é também mudar o mundo. »

Paulo freire

10 |

Fotos dos Seminários de Mapeamento Social, 2008 e 2010.



| 11

O projeto:

“Mapeamento das identidades e territórios do Estado de Mato Grosso – Brasil”

No momento em que o projeto ZSEE-MT foi apresentado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA) e pela Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN) à sociedade civil de MT, o Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em parceria com diversas entidades, reconheceram que o projeto representava um valioso instrumento territorial de consistente proposição econômica e ecológica. Porém, o componente social da proposta apresentava fragilidades. Na tentativa de superar tal fragilidade, foi elaborado um projeto para a realização do “Mapeamento das identidades e territórios do Estado de Mato Grosso – Brasil”.

Nossa ousada proposta, em forma de projeto de pesquisa, contou com o importante fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT). A proposta do projeto é a identificação e o registro dos grupos sociais do estado com suas identidades e seus territórios, bem como, seus processos de conflitos e **injustiças ambientais**. O foco do mapeamento são grupos sociais que lutam contra as injustiças ambientais ocorridas em seus territórios, identidades de resistências que lutam para sair da invisibilidade e serem considerados nas políticas públicas deste Estado. São grupos portadores de saberes e de práticas ambientais relevantes para os projetos de construção de sociedades sustentáveis; que assemelham-se aos mencionados em muitos trabalhos e ensaios recentes, sendo vários os termos utilizados para identificá-los: grupos excluídos, de inclusão precária, minoritários, invisíveis, refugados, marginalizados, oprimidos, vulnerabilizados, residuais, periféricos e, tantos outros codinomes.

Esta publicação é um convite a repensar os grupos sociais validados pelas suas **autodenominações**, ou seja, são as pessoas que se definem e se aproximam às identidades dos grupos sociais específicos. Assim, consideramos os conceitos de grupos sociais, desde que sejam conceitos inclusivos e abrangentes no sentido étnico das identidades. Portanto, este mapeamento não se refere apenas aos povos e comunidades tradicionais, mas aos diferentes grupos sociais distribuídos nos territórios mato-grossenses, que lutam pelo reconhecimento e pelo fortalecimento de suas identidades. São grupos que na invenção e na reinvenção das suas resistências tornaram-se protagonistas de lutas em distintas e importantes frentes.



ZONEAMENTO SOCIOECONÔMICO ECOLÓGICO DO MATO GROSSO

[entendo os contextos] ...

Recentemente, no Estado de MT, presenciamos mais um capítulo do histórico das forças desiguais de poder nas estratégias políticas de manipulação de um instrumento político, o projeto de Lei nº 273/2008 que instituiu a Política de Planejamento e Ordenamento Territorial do Estado de MT, tendo como principal instrumento, o ZSEE-MT. O projeto original, apresentado pelo executivo, passou nos últimos anos por fortes embates políticos na Assembléia Legislativa (AL).

A proposta final aprovada foi nomeada pela sociedade civil como o “mapa dos pesadelos”. E, apesar de ampla participação da sociedade civil no processo de consulta pública do zoneamento, as propostas dos diversos grupos sociais não foram atendidas e, na contramão da democracia, os nossos ditos “representantes” transformaram os direitos de muitos em privilégios de alguns. O projeto foi aprovado pela AL por 19 votos a favor e apenas um voto contrário. E foi, igualmente, sancionada integralmente pelo atual governador Silval Barbosa no dia 20 de abril de 2011.

Essa lei, já conta com o parecer desfavorável da Comissão Nacional do Zoneamento e está suspensa pela Justiça de MT, após uma liminar favorável à Ação Civil Pública impetrada pelo Ministério Público Estadual. Contudo, o governo de MT ainda busca aprovar essa lei que continuará conduzindo MT a um ordenamento territorial voltado, exclusivamente, para atender as necessidades de uma minoria detentora dos privilégios do agronegócio, com nenhuma ou com a mínima preocupação na preservação dos bens e dos serviços ambientais, tão importantes para a sustentabilidade ambiental e social.

Neste percurso, faz-se importante reafirmar a participação social e as táticas de lutas e de inovação das diversas organizações de MT que constituíram o **Grupo de Trabalho de Mobilização Social (GTMS)**. Sem dúvida, este grupo é um dos grandes resultados de organização e de participação da sociedade civil. Por meio do GTMS, as diversas organizações, movimentos e pessoas da sociedade civil têm a oportunidade de resistir contra as frentes de destruição da natureza e dos grupos sociais que habitam este Estado.

na contramão da democracia

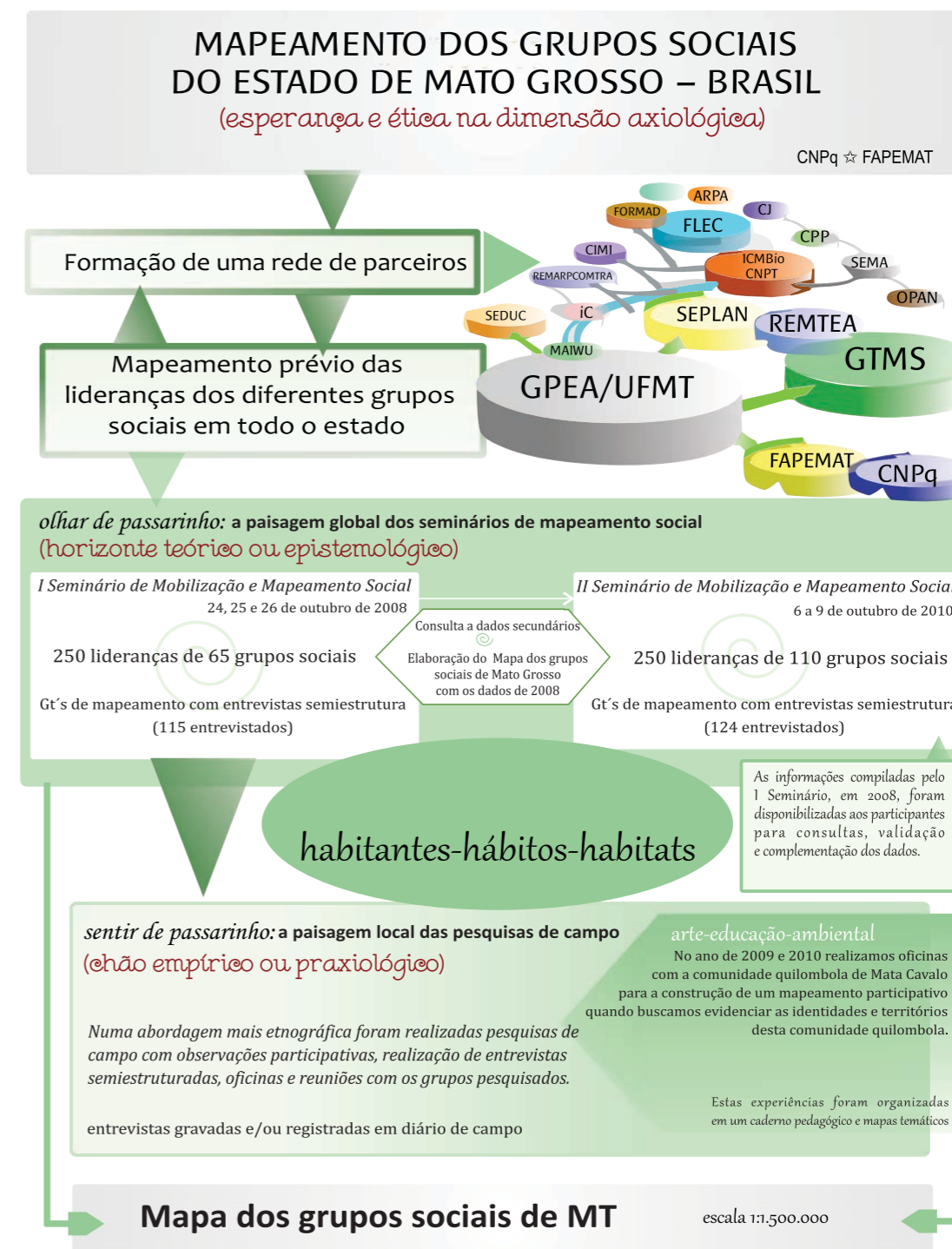
Os caminhos do mapa social

No início deste percurso, a metodologia adequada para mapear as identidades e os conflitos sociambientais era um grande desafio a ser superado. A revisão da literatura não nos auxiliava a consolidar qual metodologia conseguiria atender essa demanda. No percurso, uma metodologia intitulada MAPA SOCIAL foi criada pelo GPEA com o objetivo de dar visibilidade aos grupos sociais invisíveis na proposta do ZSEE-MT.

A metodologia conta, essencialmente, com as **autonarrativas** dos representantes de vários grupos sociais. Com o objetivo de identificar os diferentes grupos sociais, e, além disso, ouvi-los para que, na narrativa de **autodenominação** compreendêssemos a essência dessas identidades, que constroem diferentes significados de coletivos, e atuam nas diferentes regiões mato-grossenses.

Ao narrar-se, evidenciando a localização de seu grupo, registrando seus modos de vida, suas lutas e formas de organização, os entrevistados reforçam suas identidades, revivem a memória e fazem-se emergir sob outros enfoques. O Mapa Social é essencialmente sinônimo de alteridade, desejamos reconhecer o Outro sempre negado no processo histórico de ocupação deste Estado. Buscamos reconhecer as identidades de resistência e registrar, por meio das autonarrativas, a existência de diversos grupos sociais historicamente invisibilizados.

Assim, esta pesquisa apresentou informações que apontam uma realidade complexa da diversidade sociocultural que está descrita nas diferentes expressões identitárias dos múltiplos protagonistas que são narrados no mapeamento social. Uma descrição da metodologia utilizada está representada pela imagem ao lado.



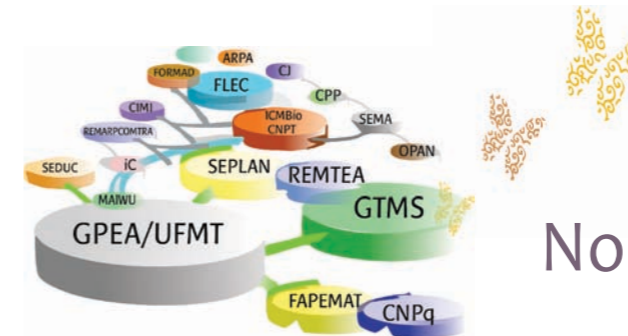
Procedimentos metodológicos do mapeamento dos grupos sociais.

Os seminários de mapeamento

Foram realizados dois Seminários de Mapeamento Social nos anos de 2008 e 2010. Na realização destes dois seminários reunimos, aproximadamente, 250 participantes em cada um deles. Aproximadamente, 40% dos 141 municípios do Estado estiveram presentes. Ao total, 19 etnias indígenas estiveram representadas, sendo elas: Apiaká, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Kamaiurá, Kanela, Karajá, Kayabi, Kaiapó, Yudjá (Juruna), Munduruku, Panará, Paresi, Rikbaktsa, Terena, Trumai, Txucarramãe, Umutina e Xavante. Ao todo foram mais de 70 representantes indígenas que vieram de diferentes Terras Indígenas e de diferentes pontos do Estado. Os participantes das comunidades quilombolas vieram dos municípios de Barra do Bugres, Nossa Senhora do Livramento, Poconé e Vila Bela da Santíssima Trindade. Contamos com a participação de comunidades pantaneiras dos municípios do Barão de Melgaço, Cáceres, Santo Antônio do Leverger e Poconé. Foi importante a mobilização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de Mato Grosso (MST-MT) e da Comissão da Pastoral da Terra (CPT) que propiciou a participação de acampados e agricultores familiares assentados de várias regiões do Estado, particularmente, nos municípios da região amazônica. Nos dois seminários contamos com representantes dos seringueiros da Reserva Extrativista Guariba & Roosevelt, dos atingidos pela barragem de Manso e dos retireiros do Araguaia. Destacamos ainda, a importante participação dos artesãos, dos ciganos Kalon, dos ecologistas, dos pescadores artesanais, dos morroquianos, dos articuladores da economia solidária, de várias organizações de agricultores familiares e dos povos pantaneiros.

Um de nossos principais desafios iniciava-se no processo de preparação dos seminários. Primeiramente, em um mapeamento prévio de quais seriam os convidados dos grupos sociais, assim, buscamos identificar as lideranças destes grupos em todo o Estado. No segundo momento, é feito um contato pessoal com cada um destes convidados, muitos deles, de comunidades longínquas, habitantes de terras indígenas ou de pequenas cidades; em muitos momentos, foi difícil a comunicação com cada um deles para o convite, para o aceite, para providenciar o deslocamento, a hospedagem e toda a infraestrutura necessária para a estadia em Cuiabá.

Nessa elaboração coletiva foi formado um banco de dados que envolvem as diferentes lideranças do Estado, especialmente, lideranças indígenas, quilombolas, agricultores familiares, pantaneiros, retireiros, povos e comunidades tradicionais, dentre outros grupos sociais. Este banco de dados tem sido consultado na realização e articulação destas lideranças para a mobilização em diferentes frentes, como a participação em seminários, fóruns de discussão, articulação para atos públicos e demais instâncias de formulação de políticas públicas.



Nossos parceiros

É preciso enfatizar o trabalho intenso que envolveu vários pesquisadores do GPEA e contou com importante apoio e envolvimento dos nossos parceiros. Citamos e agradecemos ao Grupo de Trabalho de Mobilização Social (GTMS), à Rede Mato-grossense de Educação Ambiental (REMTEA), à SEPLAN, ao Instituto Caracol (iC), ao Fórum de Luta de Entidades de Cáceres (FLEC), ao Fórum Mato-Grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (FORMAD), ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), ao Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Sociobiodiversidade associada aos Povos e às Comunidades Tradicionais (CNPT), ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ao Instituto Maiwu, à Rede de Povos e de Comunidades Tradicionais Pantaneiras, à Rede Mato-grossense de Articulação dos Povos e Comunidades Tradicionais (REMARPCOMTRA), ao Coletivo Jovem de Meio Ambiente de Mato Grosso (CJ-MT), à Sociedade Fé e Vida, à Revista Sina, à Operação Amazônia Nativa (OPAN), à Associação Rondonopolitana de Proteção Ambiental (ARPA), ao Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), ao Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU), ao MST-MT, a CPT, e ao Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Em nossos seminários contamos com o importante apoio da SEMA, da SEPLAN, da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC) e do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

Parceiros dos seminários:



O estado do Mato Grosso

Os territórios mato-grossenses têm representação de três domínios biogeográficos brasileiros: Amazônia, Cerrado e Pantanal. Também, uma região com características singulares, o Vale do rio Araguaia.

Os diversos ecossistemas de MT vêm sofrendo muitas alterações em sua composição original. São altos os índices de desflorestamento e perda da vegetação nativa em todo o estado. Em particular, por causa da estrutura fundiária baseada em latifúndios e uma produção agrícola alimentado por extensas áreas de monocultura. Esse modelo tem comprometido a preservação ambiental dos ecossistemas, fragmentando suas áreas naturais, contaminando os solos, águas e ar pelo uso excessivo de agrotóxicos e diminuindo a vazão, como também, a qualidade dos mananciais hídricos, dentre outras ameaças.

Mapa dos domínios do Estado de Mato Grosso



Os impactos ambientais proporcionam a perda da biodiversidade, comprometem os importantes ciclos naturais e alteram as funções ambientais e os serviços ecossistêmicos. Da mesma forma, comprometem a qualidade de vida das populações locais quem têm sua base de vida totalmente ligada aos ambientes naturais. Se perdemos as biodiversidades, perdemos, também, as sociodiversidades.



As identidades construídas em MT remetem-nos ao processo anterior à história de sua colonização, pois antes da chegada dos colonizadores em nosso estado as populações indígenas que aqui viviam eram numerosas e habitavam extensas áreas nos Cerrados, nos Pantanaís e nas Florestas Amazônicas. A resistência de muitos destes povos à invasão de seus territórios provocaram confrontos e um conseqüente extermínio de muitos destes grupos, seja pela escravidão ou pelos confrontos físicos que ocorreram.

É fato que as comunidades foram relegadas e/ou colocadas à margem da história oficial, mas também é fato que resistiram e resistem no pulsar cultural de suas realidades. O modo de vida destes grupos vem demonstrando uma intrínseca relação com a natureza e, em muitos casos, a presença destes povos tem sido um importante aliado na preservação dos ecossistemas. Assim, vemos nas últimas décadas, a emergência destes protagonistas portadores de identidades coletivas e étnicas, que buscam num cenário de lutas, em especial por conflitos agrários e ambientais, reivindicar seus direitos coletivos por ambientes preservados.

O mapeamento dos grupos sociais apresenta estudos que buscam investigar os *habitats* e seus habitantes, seus territórios e identidades, evidenciando alternativas que possam fortalecer as políticas públicas que considerem a cultura como elemento intrínseco à ecologia.

Este é o pano de fundo do mapeamento social, um Estado com extensão continental, com expressivas riquezas naturais que registra seus recordes anuais em produção agropecuária e geração de renda, mas também, com recordes de desmatamentos e de queimadas, usos de agrotóxicos, concentração de terra e renda; além de registros abusivos de violência no campo. Os altos números do Produto Interno Bruto (PIB) vieram acompanhados de uma grande concentração de renda causando a desigualdade social.

Proteger e melhorar nosso bem-estar comum requer uma postura de práticas menos destrutivas de nossas riquezas naturais e das diferentes identidades que habitam esses territórios. Por certo, são grandes os desafios à nossa sustentabilidade socioambiental.



O mapeamento dos grupos sociais

A interpretação dos dados dos grupos sociais identificados nos I e II Seminários de Mapeamento Social apresenta-se de acordo com as autonarrativas dos participantes, que registraram a existência de 52 grupos sociais/comunidades/movimentos que, somados a 47 etnias indígenas, totalizaram um prognóstico de 99 identidades mapeadas nos territórios de MT.

Para descrever estas identidades, nos apoiamos na proposta de Carlos Walter Porto-Gonçalves (2001) que aponta as identidades coletivas construídas sob três dimensões: nas condições sociais e étnicas, nas relações com a natureza, e os grupos com identidades derivadas da ação dos chamados “grandes projetos”. Nesta proposta, apresentaremos as identidades mapeadas embasados em cinco dimensões, como descritos no quadro da página seguinte. Sendo que, o primeiro eixo versa sobre as identidades construídas nas condições tradicionais, sociais e étnicas; o segundo eixo apresenta as identidades que têm uma ligação com o local, onde a cultura se manifesta, ligadas aos territórios e, ainda, dependentes do *habitat* pertencente; o terceiro eixo traz as identidades construídas nas relações com o trabalho, nas relações com a natureza ou modos de subsistência; no quarto eixo incluem as identidades dinamizadas em função das *driving forces* (forças motrizes), identidades de grupos atingidos pela lógica dos grandes projetos desenvolvimentistas; o quinto eixo apresenta os grupos que possuem identidades construídas em algum movimento, lazer, arte, escolha identitária e/ou filosofia de vida.

Importante salientar que não pretendemos criar fronteiras rígidas nessa classificação, bem como, ressaltamos que as cinco dimensões apresentadas se interconectam, pois, muitas identidades tocam-se e se remodelam nesta construção identitária devido à sua pluralidade e fluidez. Nos limites deste trabalho, buscamos ainda sublinhar que teremos grupos sociais isolados, intocados ou aqueles ainda não identificados.

Dimensões das identidades mapeadas

Fotos: Kalapalo – Kuarup de Vitor Nogueira. Movimentos dos Atingidos Por Barragens (MAB) e arquivo da pesquisadora.



1. TRADIÇÃO

São grupos com identidades construídas por suas condições tradicionais, sociais e/ou étnicas, como é o caso dos povos indígenas, dos povos quilombolas, dos povos ciganos, dos grupos de Siriri, de Cururu e de Dança do Congo, etc.;



2. LOCAL DA CULTURA e HABITAT

São grupos com identidades que se fazem na ligação com o local, onde a cultura se manifesta. Estes estão intrinsecamente ligados aos territórios e, ainda dependentes do *habitat* pertencente, como os povos pantaneiros, mimoseanos, morroquianos, beiradeiros, fronteiriços e ribeirinhos;



3. LABOR, TRABALHO e PRODUÇÃO

São grupos com identidades construídas nas relações com o trabalho, com estreita relação com a natureza ou modos de subsistência. Como exemplo, podemos citar os seringueiros, os extrativistas, os retireiros do Araguaia, os artesãos(ãs), os pescadores artesanais, os agricultores familiares, os articuladores da economia solidária, o MST-MT, etc.;



4. DRIVING FORCES e DESENVOLVIMENTO

São grupos que expressam identidades em função das *driving forces*, dinamizados na lógica de grandes projetos desenvolvimentistas, foram narrados os atingidos por barragens, os acampados, os assentados, etc.;



5. ESCOLHAS E FILOSOFIA DE VIDA

São grupos que possuem identidades construídas em algum movimento, religião, lazer, arte e/ou filosofia de vida, como ecologistas, movimento artista pela natureza, movimento hippie, movimento negro e das mulheres negras, movimentos ligados à teologia da libertação e, grupos com expressões ligadas às espiritualidades, etc..

Ao apresentar os grupos mapeados, o privilégio da denominação masculina foi apenas para compreensão lingüística, contudo, não negligenciamos as relações de gênero.

Atualmente, uma sociedade é denominada atrasada - entraves ao desenvolvimento - se não se enquadra aos padrões da modernidade e do progresso. Neste contexto, é necessário voltarmos a atenção a esses grupos sociais, a esses povos e comunidades tradicionais que contribuem para a conservação das diversidades biológicas e das diferenças culturais. Atentemos à sua luta diária de resistência, nas quais poderemos constatar possibilidades, novas perspectivas de relações e de sustentabilidade ambiental, política, econômica e social.

Essas diversidades de relações e de convívio com o ambiente, não movidos por ideologias capitalistas, estão cada vez mais fadadas ao desaparecimento. Sabemos que o reconhecimento e a conquista dos territórios para muitos destes grupos será um processo moroso, pois até muito recentemente vários grupos não eram considerados enquanto portadores de direitos, incluindo o de permanecer em seu território. E muitos continuam a não serem considerados.

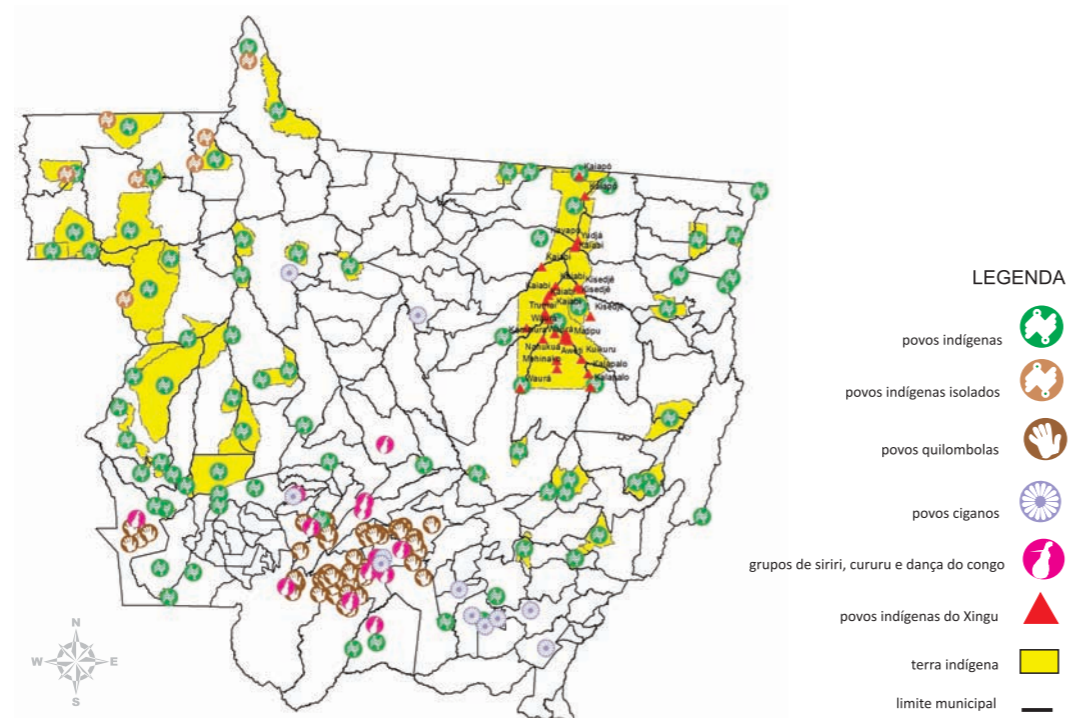
O mapa dos grupos sociais de MT emerge frente à necessidade de registrar e mapear estes sujeitos nos territórios mato-grossenses, evidenciando assim, o rico mosaico das identidades que aqui residem e resistem. Os grupos são identificados no mapa pelos símbolos apresentados ao lado, a elaboração destes ícones buscou retratar expressões peculiares e importantes que representam, de alguma forma, os grupos referenciados.

- povos indígenas
- povos indígenas isolados
- povos quilombolas
- povos pantaneiros
- povos morroquianos
- grupos de siriri, cururu e dança do congo
- grupos com expressões ligados a espiritualidade
- povos ciganos
- retireiros do Araguaia
- seringueiros
- povos extrativistas
- agricultores familiares
- artesãos
- povos ribeirinhos
- atingidos por barragens (MAB)
- assentados
- acampados
- articuladores e apoiadores
- alguns movimentos

Os ícones foram elaborados pelas pesquisadoras utilizando o programa de computador CorelDraw X5.

TRADIÇÃO

Nesta dimensão, os grupos observados tem identidades construídas por condições tradicionais, sociais e étnicas. Para Diegues (2001), as comunidades chamadas tradicionais (indígenas, quilombolas, etc.) mantêm uma forte dependência com o ambiente em que vivem; sua estrutura simbólica, seus sistemas de manejo desenvolvidos ao longo do tempo, e muitas vezes seu isolamento, fazem delas parceiras importantes que se somam aos esforços de conservação ambiental. É nesta dimensão que serão narrados os povos indígenas, quilombolas, ciganos e outros grupos, cuja construção identitária se faz nas especificidades tradicionais e culturais.



Identidades mapeadas na construção identitária da tradição.

Povos Indígenas



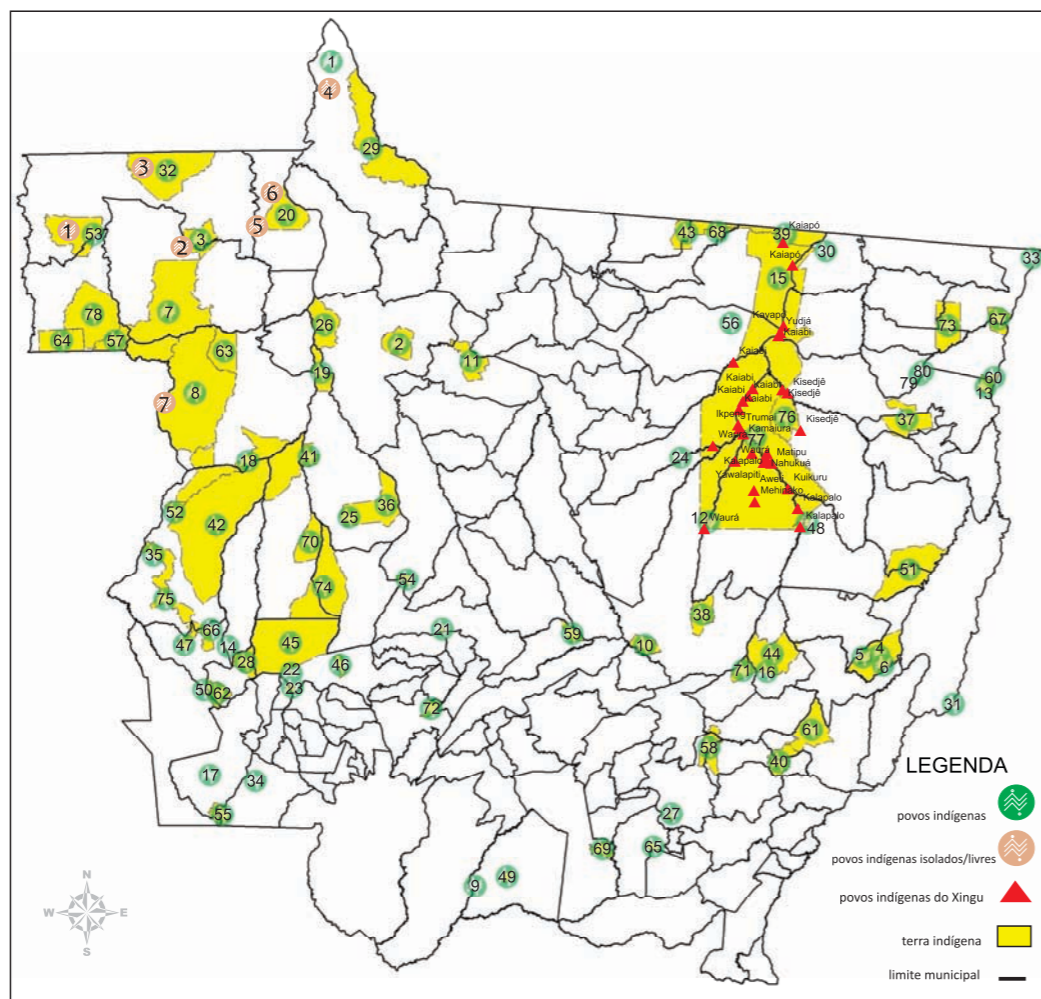
Os povos indígenas formam um grupo muito representativo da diversidade sociocultural de MT. De acordo com Ricardo e Ricardo (2006), no Estado vivem 45 etnias localizadas em 78 terras indígenas, em diferentes fases de regularização. Esse número étnico é controverso, não só em função da ausência de registro, como de comunidades isoladas (além de outras não identificadas). Os dados coletados nos seminários de mapeamento social acrescentaram o povo Canela/Apanyekra, originários do Maranhão, que ocupam áreas na região do Araguaia mato-grossense nas proximidades com o rio Preto; embora reconhecidos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), esse grupo ainda luta pelo reconhecimento e demarcação de seu território. Também foram acrescentados os povos Krenak - Maxacalli, que vivem também na região do rio Preto, no município de Cana Brava do Norte, também na região do Araguaia. Portanto, chegamos a um registro de 47 etnias mapeadas nos territórios do Estado de MT.

Em nossos seminários, contamos com representantes de 19 etnias, sendo elas: Apiaká, Bakairi, Bororo, Chiquitano, Kamaiurá, Kanela, Karajá, Kayabi, Kaiapó, Juruna, Munduruku, Panará, Paresi, Rikbaktsa, Terena, Trumai, Txucarramãe, Umutina e Xavante.

Em poucas palavras, gostaríamos de considerar que os povos indígenas de MT lutam pela demarcação e pela proteção de suas terras, pelo direito ao ambiente preservado, pela perpetuação de sua cultura, seus modos de vidas e seus lugares sagrados; protestam contra a expansão das monoculturas, o envenenamento de seus rios e o uso de agrotóxicos no entorno de suas terras. Atualmente, a implantação de pequenas centrais hidrelétricas (PCH) vem ameaçando ainda mais a integridade desses povos. Portanto, é emergencial construir políticas públicas eficientes que consigam proteger e manter as terras indígenas com infraestrutura, para que a diversidade da vida continue a pulsar nesses territórios identitários. A proteção das áreas em que esses povos habitam, é apenas um passo do amplo desafio das políticas públicas e dos organismos responsáveis para garantir a integridade desses povos e, ao mesmo tempo, propiciar condições para a autonomia de seus destinos.



Terras Indígenas e povos isolados/livres de Mato Grosso - 2010 -



Terra indígena	Povo(s)	Terra indígena	Povo(s)
1. Pontal dos Apiakás*	Apiaká, Isolados	47. Pequizal	Nambikwara, Nambikwara Erihitaunsu, Nambikwara Alantesu
2. Apiaka/Kaiabi	Apiaká, Kaiabi, Munduruku	48. Pequizal do Naruv'tu	Kalapalo
3. Arara do Rio Branco	Arara	49. Perigara	Bororo
4. Areões	Xavante	50. Picina*	Nambikwara
5. Areões I	Xavante	51. Pimentel Barbosa	Xavante
6. Areões II	Xavante	52. Pirineus de Souza	Mamaindê, Manduka, Sabané
7. Aripuanã	Cinta Larga	53. Piripkura*	Tupí Kawahibi, Isolados
8. Aripuanã - Parque Indígena do	Cinta Larga	54. Ponte de Pedras	Paresí
9. Baía dos Guató	Guató	55. Portal do Encantado	Chiquitano
10. Bakairi	Bakairi	56. Rio Arraias*	Kaiabi, Yudjá
11. Batelão	Kaiabi	57. Roosevelt	Apurinã, Cinta-Larga
12. Batovi	Waurá	58. Sangradouro/Volta Grande	Xavante e Bororo
13. Cacique Fontoura	Karajá	59. Santana	Bakairi
14. Capitão Marcos/ Uirapuru	Paresí	60. São Domingos	Karajá
15. Capoto Jarina	Kaiapó	61. São Marcos	Xavante
16. Chão Preto	Xavante	62. Sararé	Nambikwara, Nambikwara Katitawlu, Nambikwara Qualitsu, Nambikwara Kalunhwasu, Nambikwara Uaihlatisu, Nambikwara Sayulikisu
17. Chiquitano*	Chiquitano	63. Serra Morena	Cinta Larga
18. Enawenê-nawê	Enawenê-nawê	64. Sete de Setembro	Surui (Paitér)
19. Erikbatsa	Rikbaktsa	65. Tadarimana	Bororo
20. Escondido	Rikbaktsa	66. Taihantesu	Nambikwara, Nambikwara Wasusu
21. Estação Paresí	Paresí	67. Tapirapé/Karajá	Tapirapé, Karajá
22. Estivadinho	Paresí	68. Terena Gleba Iriiri	Terena
23. Figueiras	Paresí	69. Tereza Cristina	Bororo
24. Ikpeng*	Ikpeng	70. Tirecatunga	Nambikwara Halotesu, Nambikwara Sawentesu, Nambikwara Wakalitesu
25. Irantxe	Irantxe Manoki	71. Ubawawe	Xavante
26. Japuira	Rikbaktsa	72. Umutina	Paresí, Umutina, Nambikwara, Kaiabi, Terena e Irantxe Manoki
27. Jarudore	Bororo	73. Urubu Branco	Tapirapé
28. Juinhã	Paresí	74. Utiariti	Paresí
29. Kaiaby	Kaiabi	75. Vale do Guaporé	Nambikwara Alantesu, Nambikwara Mamaindê, Nambikwara Wasusu, Nambikwara Erihitaunsu, Nambikwara Hahaintesu, Nambikwara Negarotê, Nambikwara Waikisu, Nambikwara Alakatesu, Nambikwara Hoskokosu, Nambikwara
30. Kapothhinore*	Kayapó, Kayapó Mekragnoti, Kayapó Metuktire	76. Wawi	Kisêdjê
31. Karajá de Aruanã II	Karajá	77. Xingu - Parque Indígena do	Aweti, Yudjá, Kalapalo, Kamaiura, Kaiabi, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Kisêdjê, Trumai, Ikpeng, Waujá, Yawalapiti, Nahukuá
32. Kawahiva do Rio Pardo	Isolados do Rio Pardo	78. Zoró	Zoró
33. Lago Grande (Karajá) *	Karajá	79. -	Canela/Apanyekra
34. Lago Grande*	Chiquitano	80. -	Krenak - Maxacalli
35. Lagoa dos brincos	Nambikwara, Nambikwara Negarotê		
36. Manoki	Irantxe Manoki		
37. Marãiwatsede	Xavante		
38. Marechal Rondon	Xavante		
39. Menkragnoti	Kayapó, Kayapó Mekragnoti, Isolados		
40. Merure	Bororo		
41. Myky	Menky Monoki		
42. Nambikwara	Nambikwara, Nambikwara Halotesu, Nambikwara Kithaulu, Nambikwara Sawentesu, Nambikwara Wakalitesu		
43. Panará	Panará		
44. Parabubure	Xavante		
45. Paresí	Paresí		
46. Paresí do Rio Formoso	Paresí		

povos indígenas isolados/livres

- 1. Os Piripkura
- 2. Os Baixinhos
- 3. Os Isolados do rio Pardo
- 4. Os Isolados Apiaká
- 5. Os Isolados do Salto Augusto do rio Juruena
- 6. Os Isolados do rio Moreru e igarapé Pacutinga
- 7. Os Isolados Nambikwara





Povos Quilombolas

As comunidades quilombolas são grupos étnico-raciais, segundo critérios de autodefinição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

As chamadas terras de quilombo são uma categoria territorial que expressa um reconhecimento jurídico e social, de formas tradicionais de territorialidades, relacionadas aos descendentes dos povos africanos aqui escravizados. Em geral, são comunidades negras rurais que realizam uma agricultura de subsistência, com fortes relações de parentesco e fortes vínculos de solidariedade, de vizinhança e de religiosidade (MACHADO, 2008).

Hoje, estes grupos de remanescentes de quilombos buscam sair da invisibilidade e conquistar o reconhecimento legal das terras ocupadas e cultivadas para moradia e para sustento, bem como, o livre exercício de suas práticas, suas crenças e seus valores (LEITE, 2000; MACHADO, 2008).

Um marco importante nesta luta foi a publicação do artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 que garantiu o direito à propriedade da terra a esses grupos sociais: “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).



Comunidade Quilombola de Mata Cavallo, Nossa Senhora do Livramento, MT.



Somente em 2003 o decreto federal 4.887 regulamentou o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, instituindo uma série de políticas públicas para estas comunidades.

Atualmente, estima-se que existam mais de 4.500 comunidades remanescentes no Brasil, tanto urbanas quanto rurais. E, até o momento, somente 1.418 delas foram certificadas pela Fundação Cultural Palmares (FCP) ligada ao Ministério da Cultura. Segundo a FCP, MT tem mais de 60 comunidades reconhecidas, identificadas na página seguinte.

O reconhecimento dessas comunidades é um processo dinâmico e podem existir comunidades não registradas pela pesquisa. Assim, é relevante frisar que o estudo não se tratou de um censo e nem mesmo de um levantamento exaustivo, mas de um panorama da situação atual, um retrato – ainda que temporário – das atuais Comunidades Quilombolas que foram reconhecidas no Estado.

A situação secular e marginal das comunidades quilombolas em MT é reforçada ao constatar que não há nenhuma terra de quilombo devidamente titulada e regularizada. Pelo contrário, em sua maioria essas comunidades vêm enfrentando um processo longo de conflitos centrados, essencialmente, nas disputas pelos seus territórios e na luta pelo reconhecimento de seus direitos coletivos.

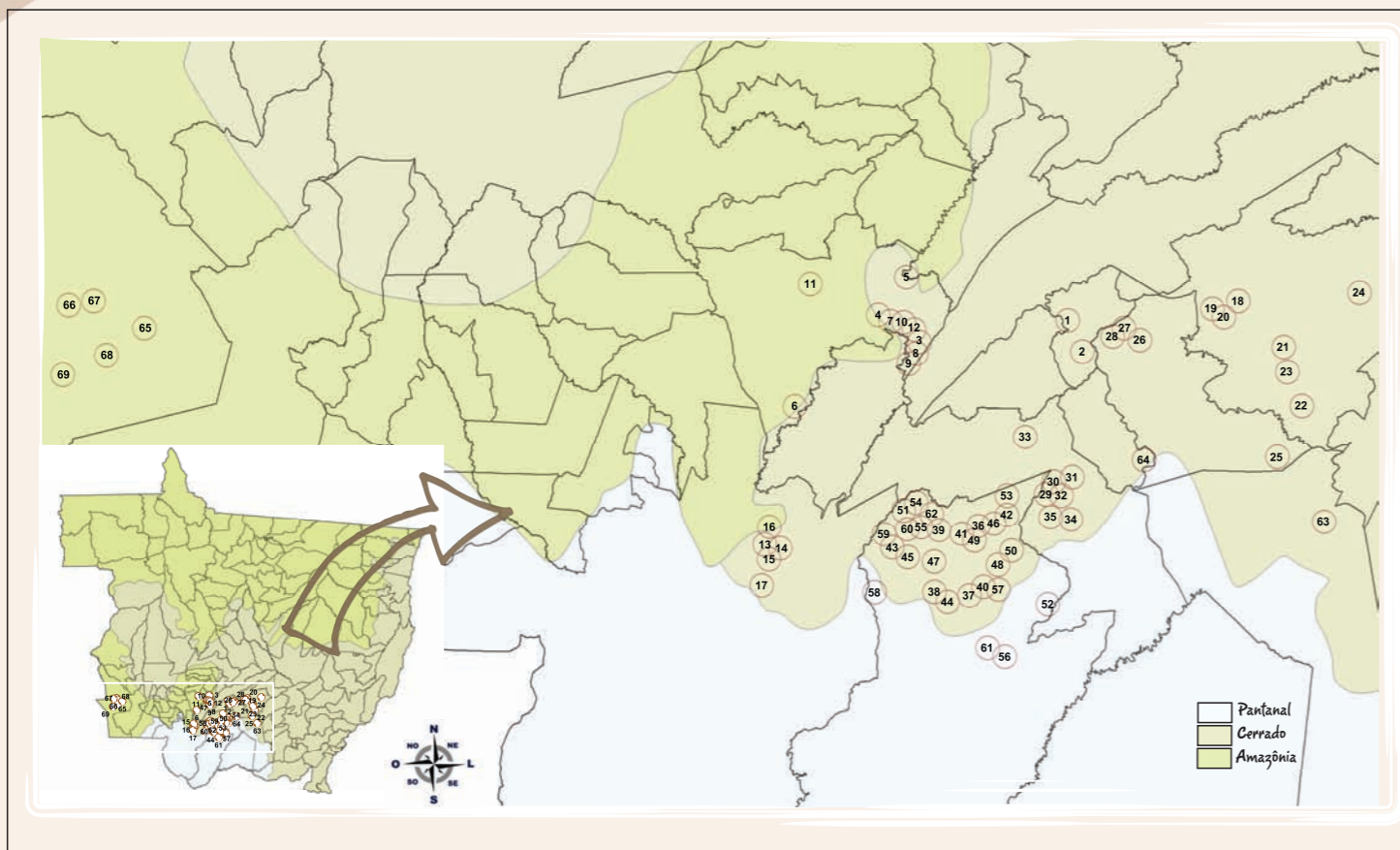
Este fato nos evidencia questões emergenciais, como a necessidade de estudos que ofereçam múltiplos conhecimentos de cada comunidade, que instiguem maiores empenhos dos setores responsáveis em acelerar os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação dos territórios quilombolas. Foi com essa esperança que projetamos nosso estudo, esperando contribuir para a ampliação da visibilidade destes grupos, para que a elaboração de políticas públicas venha fortalecer a sustentabilidade e a luta dos povos quilombolas do Estado de MT.





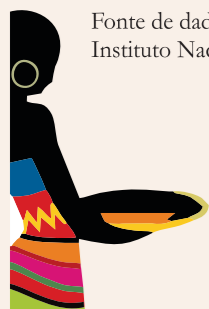
POVOS QUILOMBOLAS

do Estado de Mato Grosso



Comunidade	Município	Comunidade	Município
1	Aldeias	36	Aranha
2	Baús	37	Cágado
3	Baixio	38	Campina da Pedra
4	Buriti Fundo	39	Campina II
5	Camarinha	40	Canto do Agostinho
6	Queimado	41	Capão Verde
7	Tinga	42	Céu azul
8	Morro Redondo	43	Chafariz/Urubamba
9	Vaca Morta	44	Chumbo
10	Vãozinho	45	Coitinho
11	Vermelhinho	46	Curralinho
12	Voltinha	47	Imbé
13	Chapadinha	48	Jejum
14	Exu	49	Laranjal
15	Ponta do Morro	50	Minadouro 2
16	Santana	51	Monjolo
17	São Gonçalo	52	Morrinhos
18	Aricá-açu	53	Morro Cortado
19	Cachoeira do Bom Jardim	54	Pantanalzinho
20	Cansação	55	Passagem de Carro
21	Itambé	56	Pedra Viva
22	Lagoinha de Cima	57	Retiro
23	Lagoinha de Baixo	58	Rodeio
24	Barro Preto Serra do Cambam bi	59	São Benedito
25	Abolição	60	Sete Porcos
26	Aguaçu	61	Tanque do Padre Pinhal
27	Coxipó-açu	62	Varal
28	São Gerônimo	63	Sesmaria Bigorna/Estiva
29	Barreiro	64	Capão de Negro
30	Cabeceira do Santana	65	A Cor é Bela(Boa Sorte)
31	Campina Verde	66	Bela Cor
32	Entrada do Bananal	67	Capão Negro
33	Jacarê de cima	68	Vale do Alegre
34	Mata Cavallo	69	Manga
35	Ribeirão da Mutuca		

Fonte de dados: Ministério da Cultura - Fundação Cultural Palmares. <http://www.palmares.gov.br/>;
Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, INCRA-MT.





Os grupos de Siriri, Cururu e dança do Congo

Os Grupos de Siriri e de Cururu são fortes expressões populares da cultura mato-grossense. São tradições seculares de origem indígena que ocorrem nas comunidades rurais dos Pantanaís e dos Cerrados. Essas danças têm a viola-de-cocho como elemento essencial. Este é instrumento musical singular, produzido exclusivamente de forma artesanal, utilizando-se de um tronco de madeira inteiriça, esculpida no formato de uma viola. Teve seus modos de fazer relatados no livro de registro dos saberes e foi reconhecida como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2005 (ROMANCINI, 2005; IPHAN, 2009).

Em MT, o Siriri é dançado por crianças, homens e mulheres que vestem roupas coloridas em rodas ou fileiras formadas por pares. A origem é atribuída às danças indígenas, o seu ritmo alegre e movimentado é obtido por meio de uma ou mais violas de cocho, do ganzá e do mocho. O cururu é uma dança de homens que, em roda, cantam ao som de violas de cocho e ganzás. Essas manifestações culturais fazem parte da culturas de diversos grupos sociais de MT. Os versos, com improvisações e repentes, são elaborados na hora e ressaltam temas religiosos e outros assuntos que envolvem as belezas naturais de MT (ROMANCINI, 2005).

Os Grupos de dança do Congo têm predominância masculina. A dança tem origem africana e representa uma luta simbólica entre dois reinos africanos por questões territoriais: congo e bamba. É uma expressão artística de forte caráter devocional. Ocorre nas cidades de Vila Bela da Santíssima Trindade (julho) e de Nossa Senhora do Livramento (maio). Neste último município, de acordo com Oliveira (2010) o Congo tem origem na comunidade quilombola Mutuca, em razão de localizar-se próximo ao Ribeirão do Mutuca.

o congo em Nossa Senhora do Livramento, MT



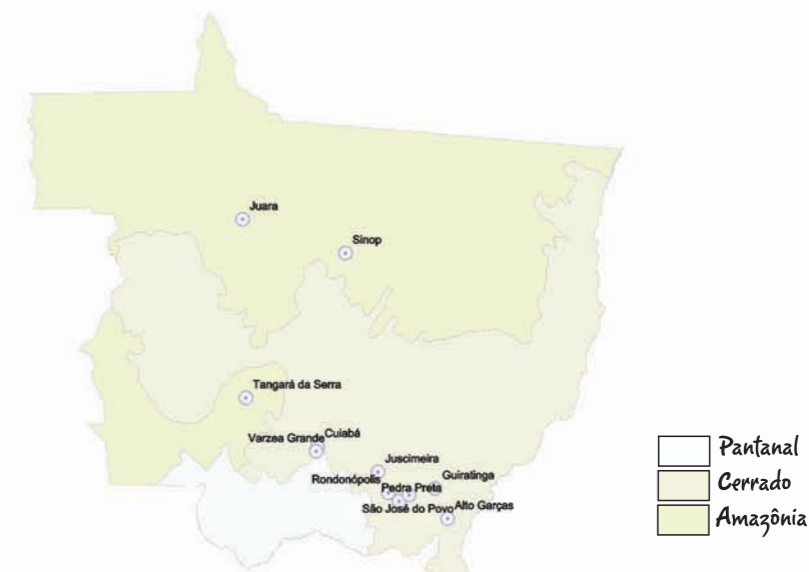
Povos Ciganos

Atualmente os povos ciganos têm fixado seus territórios, mas ainda se identificam como andarilhos. Segundo o pesquisador AZEVEDO SILVA (2009), os vários grupos ciganos possuem diferentes conhecimentos, cosmologias, olhares, visões de mundo e ensinamentos milenares. A educação cigana ocorre no bojo familiar e é tecida por narrativas orais de cunho mitológico. Ao manter tais tradições, evidencia-se uma educação entrelaçada ao meio-ambiente. Para eles, registrar os mitos é também conservar a memória e a identidade cigana.

Os ciganos comumente são vistos como um único povo e como uma cultura generalizada, com receio e com desconfiança por parte de alguns, são muitas vezes atacados, sofrendo injustiças que emprestam-lhes má fama e a reputação de ladrões. Não existe um único tipo de cultura cigana, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de ciganas, que podem ou não manter relações de semelhanças ou diferenças culturais umas com as outras. Uma delas, os rom, chegaram no século XIX, vindos dos Bálcãs e Europa Central. Já os ciganos kalon estão no país desde o século XVI e são oriundos da Península Ibérica, especialmente França, Espanha e Portugal.

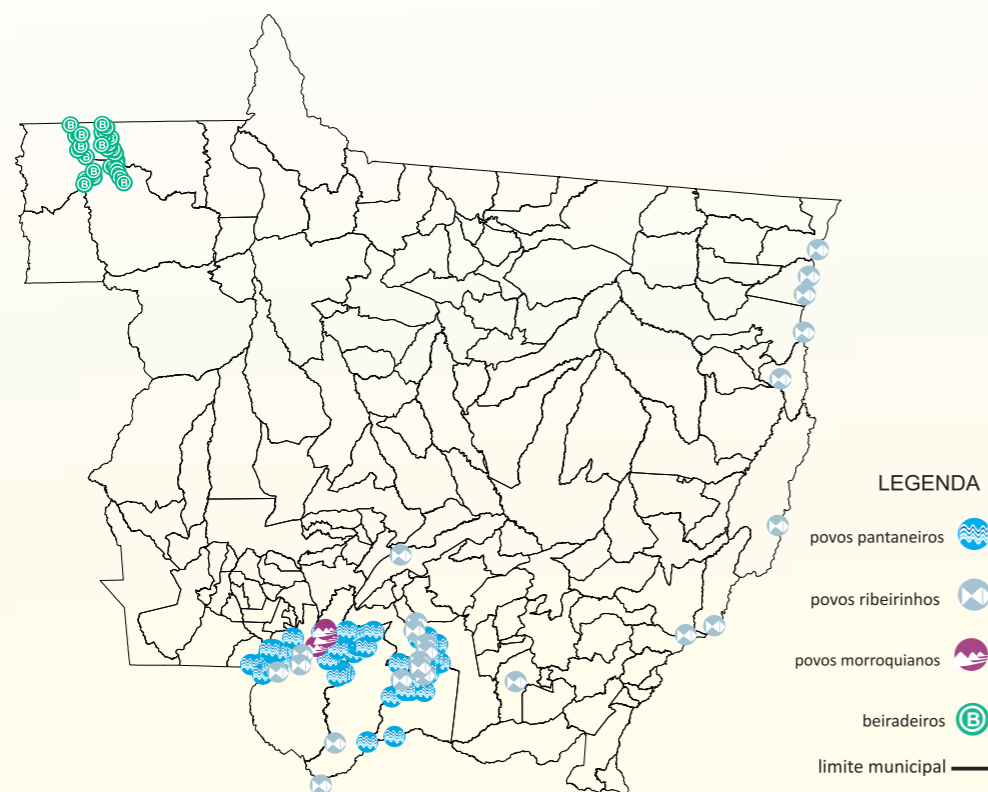
Os ciganos em MT são, principalmente, de identidade kalon, com maior foco de incidência nos municípios de Alto Garças, Cuiabá, Guiratinga, Juscimeira, Juara, Pedra Preta, Rondonópolis, São José do Povo, Sinop, Tangará da Serra e Várzea Grande. Estão em território mato-grossense há mais de 100 anos.

Povos Ciganos em Mato Grosso



LOCAL DA CULTURA e HABITAT

Neste eixo, estão descritos os povos que têm suas identidades ligadas com o local em que vivem e com suas respectivas denominações identitárias que, em alguns casos, se referem aos ecossistemas/lugares que habitam. São identidades que trazem expressões culturais em uma forte identificação territorial, como os pantaneiros, ribeirinhos, beiradeiros, fronteiriços ou morroquianos. São identidades com forte ligação com a terra, construídas muito próximas às teorias biorregionais.



Identities mapped in the construction of the local culture and habitat.

Povos Pantaneiros

O poeta pantaneiro Manoel de Barros já nos dizia: “Penso que os homens deste lugar são a continuação destas águas.” O Pantanal é este espaço onde as águas constroem novos territórios dispersos em distintas temporalidades e racionalidades.

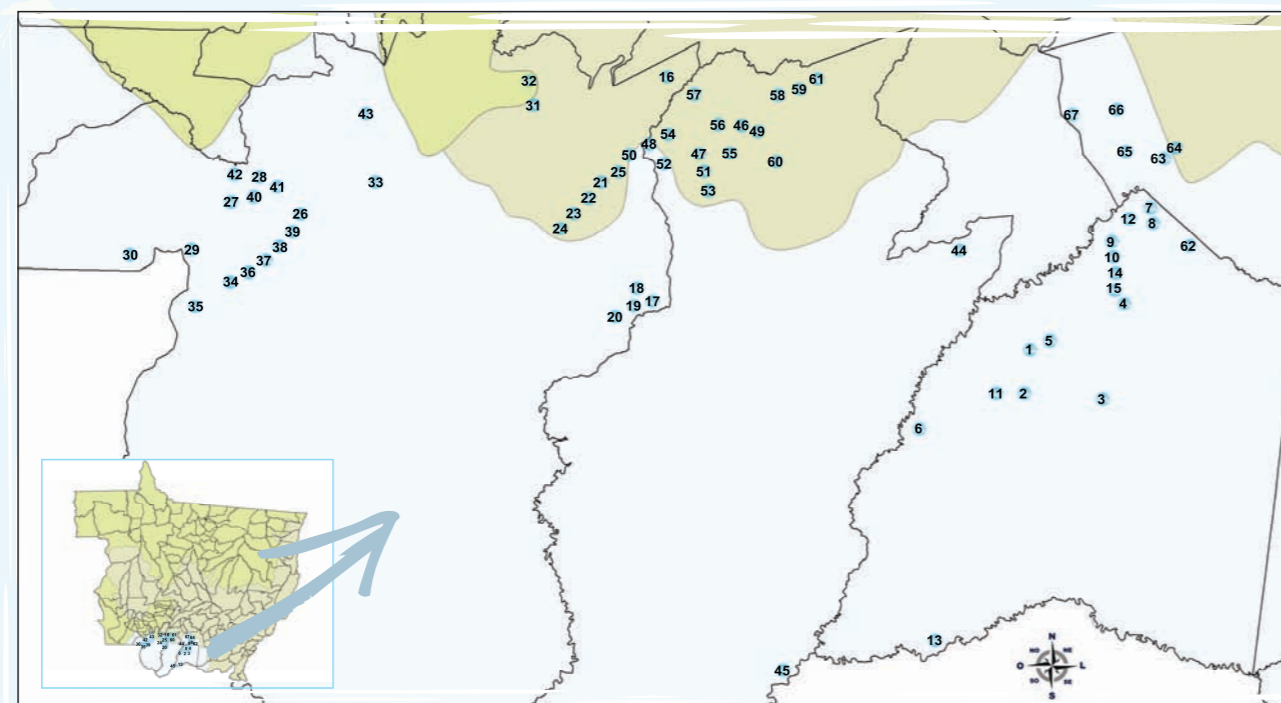
Seguindo os fluxos das águas, percebemos que o Pantanal é um espaço em constante movimento, tendo sua paisagem alterada entre épocas de seca e de cheia. Entrelaçados com a beleza das diversidades biológicas, a região é habitada por povos que apresentam características peculiares de convívio com a dinâmica das águas e se autodenominam como povos pantaneiros. Estes revelam saberes locais e trazem as mais variadas contribuições culturais - comidas, danças, histórias, lendas, religiosidades, sotaques, e tantas outras expressões que não seriam possíveis serem citadas aqui, por sua abrangência.. Todas as comemorações festivas relacionam-se com as religiões e há santuários em quase todas as casas, algumas vezes no sincretismo religioso (SATO et al., 2001). Nos seminários de mapeamento, várias comunidades localizadas nos Pantanaís de MT foram citadas de acordo com os municípios. Apresentamos cartograficamente a espacialização destas comunidades pantaneiras na página seguinte.

Ser pantaneiro é viver pelos ciclos das águas que faz pulsar toda a vida no Pantanal. (pantaneira de Cáceres, entrevista concedida no II Seminário de Mapeamento Social)





Comunidades Pantaneiras do Estado de Mato Grosso



 Pantanal
 Cerrado
 Amazônia



COMUNIDADE	MUNICÍPIO	COMUNIDADE	MUNICÍPIO
1. São Pedro de Joselândia	Barão de Melgaço	34. Assentamento Catira	Cáceres
2. Pimenteira	Barão de Melgaço	35. Assentamento Corixinha	Cáceres
3. Colônia Santa Isabel	Barão de Melgaço	36. Assentamento Jatobá	Cáceres
4. Vila da Capoeirinha	Barão de Melgaço	37. Nova Esperança	Cáceres
5. Lagoa do Algodão	Barão de Melgaço	38. Rancho da Saudade	Cáceres
6. Porto Quilombo	Barão de Melgaço	39. Sapiquí	Cáceres
7. Croará	Barão de Melgaço	40. Assentamento Água Boa e Soteco	Cáceres
8. Barranqueira	Barão de Melgaço	41. Assentamento Alegria	Cáceres
9. Praia do Boi	Barão de Melgaço	42. Assentamento Beranqueira	Cáceres
10. Estirão Comprido	Barão de Melgaço	43. São Francisco, Santa Luzia, Nova Limeira	Cáceres
11. Retiro São Bento	Barão de Melgaço	44. Pirizal	Nossa S. do Livramento
12. Piúva	Barão de Melgaço	45. Porto Jofre	Poconé
13. Porto Santa Amália	Barão de Melgaço	46. Sete Porcos	Poconé
14. Porto Brandão	Barão de Melgaço	47. Chafariz/Urubamba	Poconé
15. Cuiabá Mirim	Barão de Melgaço	48. Piuval	Poconé
16. Monjolo	Cáceres	49. Imbé	Poconé
17. Vinhático	Cáceres	50. Barreirinho	Poconé
18. Mata Comprida	Cáceres	51. Zé Alves	Poconé
19. Ipê roxo	Cáceres	52. Rodeio	Poconé
20. Laranjeira I e II	Cáceres	53. Minadouro	Poconé
21. Flechas	Cáceres	54. Varzearia	Poconé
22. Nova Flexas	Cáceres	55. Figueira	Poconé
23. Paiol	Cáceres	56. Pedra Branca	Poconé
24. Sadia	Cáceres	57. São Miguel	Poconé
25. Córrego Formiga	Cáceres	58. Campina II	Poconé
26. Porto Limão	Cáceres	59. Capão Verde	Poconé
27. Assentamento Alegria	Cáceres	60. Campina da Pedra	Poconé
28. Assentamento Barranqueira	Cáceres	61. Morro Cortado	Poconé
29. Corixinha	Cáceres	62. Mimoso	Santo Ant. do Leverger
30. Roça Velha, Trindade e Baía Velha	Cáceres	63. Porto de Fora	Santo Ant. do Leverger
31. Santana, São Sebastião, Água Branca, Exu e Vila Aparecida	Cáceres	64. Bocaininha	Santo Ant. do Leverger
32. Guanandi	Cáceres	65. Barra do Aricá	Santo Ant. do Leverger
33. Padre Inácio, São Roque e São Cristovão	Cáceres	66. Barranco Alto	Santo Ant. do Leverger
		67. Praia do Poço	Santo Ant. do Leverger

Fonte: I e II Seminários de mapeamento social.
Fórum de Lutas de Entidades de Cáceres - FLEC
Sociedade Fé e Vida



Embora bem preservado, o Pantanal é um ambiente frágil e sofre constantes ameaças de fragmentação de ecossistemas, projetos de desenvolvimento, atividades de caça e pesca predatória, invasão turística, introdução de espécies exóticas e poluição hídrica, especialmente carregados pelas águas que descem do planalto (HARRIS et al., 2005). Este modelo de desenvolvimento tem proporcionado graves problemas a esse ecossistema e seus povos. O desmatamento na região, além de contribuir para uma maior erosão e pelo assoreamento dos rios, elimina a fonte de alimentação dos animais e das populações que ali habitam. Como se não bastasse, ainda temos o impacto causado pelo turismo desordenado, somados às consequentes atividades de pesca e caça predatória (DIEGUES, 2002).

A sustentabilidade socioambiental dos territórios pantaneiros deve compreender a complexidade que envolve esse ecossistema, e reconhecer a interdependência direta da planície com as áreas que estão no planalto. Nesse caso, com toda a Bacia do Alto Paraguai, é impossível garantir a sustentabilidade dos pantanais sem a compreensão dos impactos socioambientais que estão em seu entorno. Como exemplo, a poluição hídrica causada pelos agrotóxicos, os esgotos sanitários e os industriais vindos do planalto revelam-se como problemas a ser solucionados.

Essas pressões demandam a urgente necessidade de um conhecimento detalhado da ecologia e de esforços das políticas ambientais para assegurar a preservação deste ecossistema e, de igual modo, as políticas públicas devem ser construídas visando à inclusão da defesa das diferentes culturas que assegure o direito à manutenção dos hábitos e dos costumes das populações pantaneiras.

ÁGUAS. Manoel Barros

Desde o começo dos tempos águas e chão se amam,
Eles se entram amorosamente
E se fecundam,
Nascem formas rudimentares de seres e de plantas
Filhos dessa fecundação.
Nascem peixes para habitar os rios
E nascem pássaros para habitar as árvores,
Águas ainda ajudam na formação de conchas e dos caranguejos,
As águas são a epifania da Natureza,
Agora penso nas águas do Pantanal
Nos nossos rios infantis
Que ainda procuram declives para correr,
Porque as águas deste lugar ainda são espraçadas
Para o alvoreço dos pássaros.
Prezo os espraçados destas águas com suas
Beijadas garças,
Nossos rios precisam de idade ainda para formar
Os seus barrancos
Para pousar em seus leitos,
Penso com humildade que fui convidado para o
Banquete destas águas,
Porque sou de bugre,
Porque sou de brejo.
Acho que as águas iniciam os pássaros
Acho que as águas iniciam as árvores e os peixes
E acho que as águas iniciam homens,
Nos iniciam,
E nos alimentam e nos dessedentam,
Louvo esta fonte de todos os seres, de todas as
Plantas, de todas as pedras,
Louvo as natências do homem do Pantanal,
Todos somos devedores destas águas,
Somos todos começos de brejos e de rãs,
A fala dos nossos vaqueiros carrega murmúrios
Destas águas,
Parece que a fala de nossos vaqueiros tem consoantes
Líquidas
E carrega de umidez as suas palavras,
Penso que os homens deste lugar
São a continuação destas águas.



Povos Morroquianos

Lá é lugar alto. É só morraria. Lá tem a embaixada. E tem as partes de serras. São quatro serras que lembram o território morroquiano. A serra da Chapadinha. A Serra do Tarumã (beirando o rio Paraguai). A serra do Bocaina do Vão e a Serra da Cachoeirinha. Nosso problema lá é a cerca. Desde 2003 que tentam invadir nossas terras. Cercaram tudo lá. E agora está nas mãos da justiça. A comunidade é uma comunidade histórica com bastante tradição e bastante religiosa. (Seu Felipe Severiano de Souza, morroquiano da comunidade Nossa Senhora do Carmo, Taquaral em Cáceres, entrevista concedida no II Seminário de Mapeamento Social)

Os Morroquianos são moradores da Morraria no entorno da Estação Ecológica da Serra das Araras, próximo a Cáceres, Porto Estrela e Barra do Bugres. As comunidades de Taquaral, Água Branca, Bocaina, Santana, Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora do Carmo, São Sebastião, Guanandi, Exu e Vila Aparecida estão localizadas entre os vários morros, serras, bocainas, córregos (afluentes do rio Paraguai), chapadinas e vales que fazem parte da Província Serrana. A origem das comunidades se dá com a divisão das sesmarias. Parte da área foi doada por João Ferreira Mendes e Pedro Ferreira Mendes, por volta de 1910, para a construção da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Por isso, as terras são consideradas terras de santo.

Segundo os relatos, os morroquianos são agricultores e praticam uma agricultura de subsistência. São também extrativistas e pequenos produtores de doce, de rapadura e de farinha. Alguns moradores das comunidades cultivam também o algodão que é utilizado na fiação artesanal de redes de dormir; as artesãs são mulheres que têm o cuidado de utilizar, em seus trabalhos, corantes naturais de plantas do Cerrado, esta é uma atividade que está se perdendo no cotidiano da comunidade. Mais do que atividade econômica, as atividades agrícolas dos morroquianos buscam preservar o modo de vida da comunidade, suas cosmologias, suas diferentes temporalidades e suas múltiplas territorialidades. No entanto, sofrem frequentes pressões por parte dos fazendeiros que desejam ocupar suas terras. Muitos agricultores perderam suas terras, por pressão, especulação, expulsão ou despejo, atos sempre acompanhados de violência contra os antigos moradores que não tinham o título definitivo das terras comunais das antigas sesmarias.

Os Fronteiriços e Beiradeiros

Há alguns assentados que vivem de agricultura familiar próximos à fronteira, estes se autoidentificam como fronteiriços. Há outro grupo que também tem sua identidade ligada às beiras do rio Roosevelt e rio Guariba, no extremo noroeste do Estado, no município de Colniza, são conhecidos na região como beiradeiros.



Povos Ribeirinhos

A ocupação dos territórios em MT ocorreu primeiramente pelos rios. As águas dos rios eram e ainda são os espaços de circulação antes da abertura das estradas e, ao longo destes leitos, foram formando-se várias comunidades que deram origem aos centros urbanos. Nessas margens, também, estabeleceram-se os povos ribeirinhos.

Associado à pesca, em geral, esse grupo desenvolve uma economia local pelo cultivo de hortaliças, frutas, raízes e grãos. Alguns têm a economia complementada pelo extrativismo vegetal. O rio habita a identidade dessa gente que navega pelos caminhos das águas em sua imensidão, particularmente, suas expressões de vida se organizam nas dinâmicas das cheias e das vazantes. Os ribeirinhos conhecem as artimanhas e os remansos dos rios, deslizam em suas corredeiras como os dias da própria existência, rememoram em suas narrativas o tempo das fartas águas e dos muitos peixes. Os povos ribeirinhos são, portanto, uma forte expressão identitária no Araguaia, nos igarapés amazônicos, nos corixos pantaneiros e às margens dos cristalinos rios do Cerrado mato-grossense.

Os ribeirinhos vivem à beira dos rios, com forte identificação com a água, a atividade é, predominantemente pesqueira, apoiada pela agricultura de várzea e de terra firme. Os principais conflitos socioambientais enfrentados por esses povos estão relacionados ao acesso aos produtos pesqueiros, de forma peculiar, pela invasão dos pescadores impulsionados pelo turismo da pesca. Relataram durante os seminários que lutam para manter a forma tradicional de viver, e que atualmente o leito do rio está mudando, pois há muita seca nas estiagens, assim como, há falta de peixes nos rios devido à sobrepesca.

Com uma identidade ligada aos povos ribeirinhos, mas que expressam uma maior expressão identitária com o trabalho, podemos citar:

Os **pescadores profissionais/artesanais**, que geralmente se organizam em colônias e associações e possuem variadas identidades;

São denominados **isqueiros**, os que vendem iscas para pesca profissional [minhoca e pequenos peixes], presentes em quase todo trecho pantaneiro, com atração turística ou de pesca de finais de semana;

Os **piloteiros** são os residentes em comunidades ribeirinhas do Pantanal, que buscam reconstruir suas identidades nas transformações socioambientais, articulando a sobrevivência junto às pousadas e servindo-se como guias turísticos nos passeios de barco.

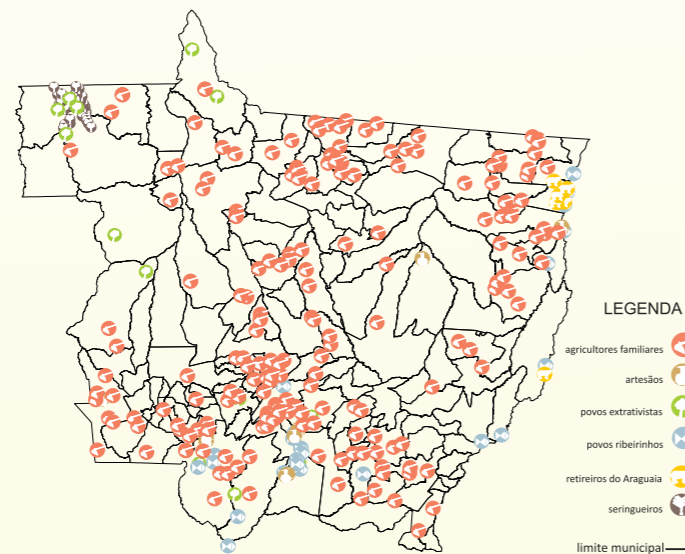
Os **barqueiros** são os povos encontrados em várias comunidades, se autodenominam como barqueiros, não constroem seus barcos, apenas os dirigem para variadas funções.



LABOR, TRABALHO e PRODUÇÃO

Neste eixo são descritos os grupos com identidades construídas nas relações com o trabalho, nas relações com a natureza, nos modos de produção e de subsistência. Para Marx (1980), o trabalho é a essência da humanidade, que se dá na relação entre o humano e a natureza. “É a relação dos seres humanos com a natureza e entre si, na produção das condições de sua existência” (CHAUÍ, 2000, p.390). Nos pensamentos de Marx (1988), os seres humanos são agentes de sua própria história por meio do trabalho, mas não o fazem em condições escolhidas voluntariamente.

Pelos depoimentos, podemos afirmar que para esses grupos o trabalho é mais que uma atividade econômica, configurando-se como um modo de vida em um multiespaço de partilha. Observa-se, que estes grupos formam uma rede de parentesco e compadrio, que se estabelece em uma rede de solidariedade no compartilhar de saberes e vivências. Um exemplo disto é a realização do muxirum, uma forma particular desses povos para denominarem o mutirão, que é um regime de mutualidade, onde se trocam os dias de trabalho uns com os outros. “Consiste num trabalho de colaboração, feito nas emergências, de vizinho, na colheita, no aceiro, realizado sempre festivamente pelos momentos de convivência, de partilha da comida, cantos e festa” (PASSOS, 2009, p.57). Além da solidariedade descrita nas práticas cotidianas, outro fio condutor destas identidades está no contato direto, interdependente e intrínseco desses grupos com a natureza. Esse sistema de interdependência configura-se como um sistema de conhecimento gerado por esses grupos por meio de uma longa convivência com os ecossistemas e suas diferentes racionalidades ao manejá-los. Aqui, as identidades narradas são dos agricultores familiares, dos retireiros do Araguaia, dos seringueiros, dos extrativistas, dos artesãos, dos pescadores profissionais-artesanais e dos povos ribeirinhos.



Identidades mapeadas na construção
identitária do labor, trabalho e produção.



Agricultores Familiares-camponeses



“O camponês não trabalha, labuta” são palavras do filósofo Aristóteles. É nesta via que apresentamos os agricultores familiares-camponeses que são também chamados de colonos, pequenos produtores familiares, trabalhadores rurais, entre outras denominações. Em MT, este grupo está presente em diversos pontos do Estado. Variando no tipo de produção agrícola, tem preferência aos insumos com defensivos naturais e ao controle biológico das pragas, numa prática agrícola que busca ser mais cuidadosa com o ambiente e com a saúde humana.

Scolese (2008), ao avaliar os dados em conjunto do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), do Ministério do Trabalho e da Comissão Pastoral da Terra (CPT) evidencia que os municípios que mais desmatam na região amazônica são também os que mais registram trabalho escravo e violência no campo.

No Brasil, os conflitos sociais no campo não são de exclusividade dos nossos tempos. São marcas do desenvolvimento e do processo de ocupação do campo no país (OLIVEIRA, 1994). Uma extensa lista de violências tem caracterizado a luta desses povos na defesa de seus modos de vida e de seus territórios. Nesta luta, desde os anos 80, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST-MT) se destaca como uma força organizada que representa os agricultores familiares na acirrada luta em favor da reforma agrária no Estado de MT.

Associado às atividades de agricultura familiar, em sua maioria esses povos são também extrativistas. Alguns agricultores desenvolvem atividades, como a produção da farinha de mandioca, na qual utilizam para o seu fazer: o ralo, o caítitu, a prensa, o sucuri, pá, peneira, pilão e tachos para torrar. A produção de rapadura que é feita do caldo de cana de açúcar e configura-se como forte expressão das comunidades ao longo do Rio Cuiabá, nos municípios de Barão de Melgaço e Poconé; em seu fazer utilizam o engenho artesanal, a fornalha, gamela, mesa e grade para a secagem. Alguns têm também como parte de suas atividades a produção do mel.

Sou um agricultor familiar e para mim o trabalho é sagrado. (Seu Neuzo Antonio de Oliveira, agricultor familiar em Cáceres, I Seminário de Mapeamento Social)

Ser agricultor familiar é cultivar a terra e dela obter seu sustento por meio de um modelo menos agressivo ao meio ambiente. (Seu Albino Bispo da Silva, agricultor familiar da comunidade Barreirinho em Poconé, II Seminário de Mapeamento Social)

As nossas vidas melhoraram quando passamos a lutar por uma causa coletiva que é a reforma agrária. (Orlando, agricultor familiar em Ipiranga do Norte, II Seminário de Mapeamento Social)





Seringueiros

"Não há defesa da floresta sem os povos da floresta". Chico Mendes



Incentivados pelas campanhas do governo brasileiro, os seringueiros enfrentaram o desconhecido da selva amazônica. As narrativas nos mostram que alguns deles chegaram aos seringais de MT por volta de 1870. Nesta época, foram inúmeros conflitos entre os indígenas que ali residiam e os seringueiros que chegavam à região. Os conflitos sempre persistiram, foram intensificados com confrontos contra fazendeiros e grileiros. Mais de cem anos depois, em 1988, em um seringal distante dali, fazendeiros assassinaram o maior líder seringueiro do país: Chico Mendes. Mas, a semente dos sonhos de Chico tinha sido plantada, e cresceu em todo o país a discussão e a articulação da criação das reservas extrativistas (RESEX).

A Associação dos Seringueiros do Guariba Roosevelt foi criada em 1993; surgiu da discussão inicial do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Aripuanã, conquistando o apoio de várias organizações e movimentos populares. Com isso, muitos passos importantes foram dados, sendo a maior conquista a criação da reserva extrativista que foi instituída pelo decreto Estadual n.º 952 de 19/06/96, com área de 57.630 ha (MATO GROSSO, 1999). Contudo, a demarcação da área não incluiu a maioria das colocações dos seringueiros, os quais ficaram fora da área da reserva, e até hoje os seringueiros vêm sofrendo pelo mau planejamento da reserva. Conforme relato de uma seringueira:

Enquanto eles estão discutindo a ampliação da reserva, aqui a reserva tá acabando, quando eles decidirem já vai ter acabado tudo. (Maria do Socorro, seringueira da RESEX Guariba Roosevelt, em Colniza, entrevista concedida em pesquisa de campo).

Compreendemos, assim, que é urgente a ampliação da reserva em uma nova demarcação que contemple todas as colocações e as áreas de coletas de seringas, castanhas e óleo de copaíba. Sofrendo pela escassez do mercado da borracha e das alternativas de renda, os seringueiros percorrem pequenas trilhas abertas na floresta que lhes permitem o acesso às seringueiras nativas (*Hevea brasiliense*). Hoje, além da luta pela resistência da vida e de seus hábitos, os seringueiros lutam pela conservação de seus *habitats*, pois, até mesmo as áreas protegidas vêm sofrendo constantes agressões, em particular, pela exploração madeireira e pelas queimadas.



Seringueiros da RESEX Guariba & Roosevelt



Povos Extrativistas

As atividades extrativistas são práticas de muitos povos em MT e estão espalhadas por todo o território. Os produtos coletados são frutos, raízes, plantas medicinais, madeiras, resinas, óleos, látex, tintura, dentre outros. Estes são utilizados com diversas finalidades: alimentares, medicinais ou como matéria-prima para confecção de bens e de serviços (MACHADO, 2008). Os povos extrativistas podem ser desmembrados por meio de diversas identidades, de acordo com o produto coletado, estas foram evidenciadas pelas autonarrativas nos seminários de mapeamentos:

Os **raízeiros** são extrativistas que coletam plantas medicinais e as comercializam em pequena escala nos centros urbanos. Tem na transformação da paisagem uma ameaça para a continuidade de suas práticas;

Os **fruteiros** coletam, principalmente, frutos do Cerrado. Foram relatados nas Comunidades de Ribeirão do Costa, Sítio Conceição na zona rural de Chapada dos Guimarães.

Os **poaieiros** são coletores de poaia (*Psychotria ipecacuanha*), uma espécie medicinal rasteira e de sombra de mata densa. Sua coleta é uma atividade histórica em MT, com a utilização descrita desde o século XVIII. Seus coletores são denominados poaieiros. A quase extinção da atividade deu-se pela diminuição da demanda e pela destruição da espécie em decorrência dos desmatamentos. Sua coleta deu origem ao município de Barra do Bugres.

Os **extrativistas de castanha do Brasil** têm foco na região norte do Estado em áreas de floresta amazônica. A coleta de castanha do Brasil (*Bertholletia excelsa*) é feita entre os meses de novembro a março, este período é chamado pelos seus coletores de fábrica da castanha. Há um vasto programa denominado de Programa Integrado da Castanha (PIC) que apóia a atividade, inclusive em áreas indígenas dos povos indígenas Rikbaktsa, Arara do Rio Branco e Zoró.

Os **extrativistas de óleo de Copaíba**, atividade geralmente masculina que ocorre nas regiões amazônicas do Estado. O óleo de copaíba (*Copaifera sp*) é utilizado no tratamento de enfermidades como: gripes, ferimentos, picadas de cobra; é usado também como combustível para lamparina e pequenos candeeiros.

Os **extrativistas de látex de mangaba** são encontrados nas regiões pantaneiras, em municípios como Barão do Melgaço, Cáceres e Poconé. Com o látex produzem-se capas de chuva, chamadas poncho, para uso dos cavaleiros nos banhados do Pantanal.



Artesãos



bonecas de cerâmica povo indígena Karajá

Os artesãos são homens e mulheres que estão presentes em todo o território mato-grossense. Seus artesanatos, muitas vezes, são importantes referências culturais locais. Produzem artefatos de forma artesanal, tendo como base as mais variadas matérias-primas. Citamos abaixo alguns exemplos de um grande universo:

Os **canoeiros** vivem às margens dos rios, principalmente pantaneiros, fabricam canoas e tem profundo conhecimento etnomatemático para esta construção. São ribeirinhos, e se autodenominam como canoeiros.

Os **artesãos de entalhes em madeira** produzem gamelas, colheres de pau, pilões, canoas, cochos. A produção de teares, prensas, engenhos, carretas, carros de boi e violas de cocho são montados sem pregos, utilizando encaixes.

Os **artesãos de trançados** utilizam taquaras, cipós, palhas, fibras, etc. Na depressão cuiabana são produzidos os jacás, cestos para acondicionar peixes vivos submersos no rio. Várias etnias indígenas produzem seus trançados com folhas, palmas, cipós, talas e fibras resultando em redes, cestos, abanos, baquités e máscaras que são utilizadas em suas atividades cotidianas, em seus rituais e ritos de passagem. Os desmatamentos vêm tornando rara a matéria prima destes trançados e comprometendo a continuidade das atividades.

Os **artesãos de couro e chifres** utilizam o couro para a confecção de arreios, laços e trançados. Com os chifres são feitos berrantes atrair o gado, e guampas, uma espécie de copo. É uma atividade geralmente masculina.

Os **artesãos de tecelagem** fazem as redes para dormir, os “cochonilhos” para colocar como forros de arreios e as faixas para cintura. Em geral são atividades femininas e são produzidas com o algodão. São encontradas geralmente nas depressões dos rios Cuiabá e Paraguai. As redeiras são forte expressão da comunidade de Limpo Grande, em Várzea Grande. Há também as redes confeccionadas pelos povos indígenas feitas de trançados de fibra de buriti.

Os artesãos de argila, chamados de **oleiros**, produzem artesanalmente com a argila tijolos e telhas, numa atividade masculina. Outra atividade relacionada com a argila é a dos **ceramistas**, expressão identitária de atividades realizadas geralmente por toda a família, na confecção de peças feita à mão, produzem potes de água, panelas, jarras, moringas, pratos, travessas, etc. Foram citadas as comunidades Caiçara e Caramujo, em Cáceres. As bonecas de cerâmica do povo indígena Karajá, na região Araguaia. E as bonecas produzidas em Vila Bela da Santíssima Trindade. Os artefatos produzidos pelos Waurá, etnia do no Alto Xingu. E, São Gonçalo, uma pequena comunidade com mais de 300 anos localizada a beira do rio Cuiabá na capital do Estado.



Imara Quadros é uma pesquisadora do GPEA que desenvolve sua pesquisa de doutorado com os canoeiros nos Pantaneais de São Pedro de Joselândia, município de Barão de Melgaço, ela nos narra:

Para além da pesca ou do transporte, uma canoa pantaneira transcende o significado material, e torna-se uma expressão da arte, fincada na cultura imaterial de um patrimônio pantaneiro que teve o matrimônio com a beleza natural. O tempo das águas é a época da “feitura” da canoa. São realizadas por homens, conhecidos como Mestres que aprenderam este saber com os mais velhos, que desde sempre se propuseram ensinar aos mais jovens interessados, no próprio momento do fazer. A canoa do Pantanal de Joselândia é esculpida ao ar livre e a partir de um único tronco de árvore, onde é derrubada, cortada e depois escavada com instrumentos específicos até atingir sua forma final e servir como extensão do próprio corpo desta gente, no tempo das águas.



Articuladores e Apoiadores

Os articuladores são grupos que buscam formas diferenciadas e éticas de produção. Via economia solidária atuam no apoio aos agricultores familiares e extrativistas, em diversas ações, como por exemplo: na extração do cumbaru, bocaiúva, mangaba, pequi, gergelim, etc. Destacamos aqui a atuação da Rede Mato-grossense de Educação e Socioeconomia Solidária (REMSOL) que surgiu em agosto de 2003 e foi fundada como Fórum Estadual de Socioeconomia Solidária em Cáceres - MT como um dos resultados do I Encontro Mato-grossense de Educação e Socioeconomia Solidária; como também, destacamos a atuação da Rede de Educação Cidadã (RECID).



www.recid.org.br/



www.remsol.org.br/



MST-MT, MMC, MPA

O **Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra de Mato Grosso (MST-MT)** tem sede em Cuiabá, mas seus representantes estão em todo o Estado, com maior ênfase nas regiões sul, meio norte e sudoeste. Em MT há mais de 15 anos vem lutando pela terra, pela reforma agrária e pela democracia em uma sociedade mais justa. O MST-MT agrega à luta um forte e revolucionário componente que são os valores ideológicos típicos de sua forma de organização.

A primeira vez que a bandeira do MST foi fincada em solo mato-grossense foi no dia 14 de agosto de 1995 quando o MST-MT fez sua primeira ocupação, com aproximadamente mil e cem famílias na fazenda Aliança, no município de Pedra Preta, região sudeste do Estado. Zumbi dos Palmares, assim foi batizado o primeiro acampamento mato-grossense. Essa ação representou a inauguração de uma nova forma de luta pela terra no Estado (FERNANDES, 1999).

O **Movimento das Mulheres Camponesas (MMC)** é um movimento social popular brasileiro, que representa as mulheres trabalhadoras rurais do país. Organiza-se em grupos de base, que sustentam uma estrutura com esferas municipais, regionais, estaduais e nacional. Dentre suas principais pautas destaca-se a afirmação e o reconhecimento da mulher agricultora ou camponesa.

O **Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)** se constituiu em meados da década de 90 e vem se fortalecendo no Estado na luta pelo reconhecimento dos pequenos agricultores familiares.



www.mst.org.br/



www.mmcbrazil.com.br/



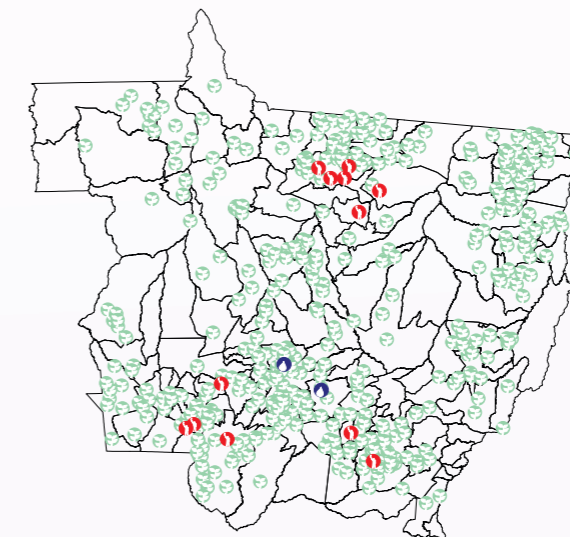
DRIVING FORCES e DESENVOLVIMENTO

São identidades construídas alheias às vontades, pois são marginalizados por algum fenômeno desenvolvimentista. Pelas experiências citadas, alguns destes grupos são atingidos e des-territorializados por projetos de desenvolvimento que provocam injustiças ambientais. Nesses territórios, formam-se espaços de resistências onde surgem grupos como os atingidos por barragens, os acampados, os assentados, etc.





De acordo com o Relatório do Milênio (MEA, 2005), as *driving forces* (forças motrizes) de alteração nos ecossistemas podem ocorrer por forças naturais ou podem ser ocasionadas pelas atividades humanas, por fatores indiretos e diretos. As mudanças de forma indireta podem ser causadas por fatores demográficos, econômicos, sócio-políticos, científicos, tecnológicos e/ou culturais; de forma indireta incluem fatores como mudanças no clima, uso de nutrientes/agrotóxicos, a conversão da terra, doenças e espécies invasoras.

As *driving forces*, com suas causas diretas e indiretas, provocam impactos socioambientais, tais como: desmatamento, queimadas, poluição, erosão, fragmentação dos habitats, etc. Consequentemente, estes impactos vêm alterando os ecossistemas, seus bens e serviços. Além disso, deformam as paisagens, interferindo, consideravelmente, nas identidades dos grupos sociais (*habitantes*) que tem o seu modo de vida (*hábitos*) estritamente dependente dos ambientes naturais que habitam (*habitats*). Nesse processo, não só se perde diversidade biológica, mas também, as diferentes culturas e as múltiplas formas de convívio com a natureza.

Identidades de grupos que surgiram no confronto com as *driving forces*



LEGENDA

- assentados 
- acampados 
- atingidos por barragens (MAB) 
- limite municipal 





Atingidos por Barragens (MAB)

Os atingidos por barragens vem se articulando por meio de um grupo intitulado Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). No Brasil, o MAB soma 20 anos de lutas e conquistas.

O MAB em MT está situado, com maior ênfase, na região do rio manso e Alto Paraguai, as identidades construídas se entrelaçam com a perda identitária, num fenômeno paradoxal da reconstrução de sentidos. Para os representantes do MAB que participaram dos seminários, por exemplo, o sentido de território está ligado ao poder, ao desabrigo, por perder o lugar onde morava. Ao construir a barragem e confinar os moradores em outro território, arranca-se a identidade desta gente, porém, no mesmo ato da perda identitária, forma-se outra identidade, quando eles passam a se autodenominar como “atingidos por barragem”.

Os participantes relataram a experiência vivida com a instalação da Usina Hidrelétrica de Manso, empreendimento das Furnas Centrais Elétricas S/A, controlada pelo governo federal por meio da Eletrobrás, localizada no município de Chapada dos Guimarães, que começou a funcionar no ano de 1999. Seu reservatório tem 7,4 bilhões de m³, abrangendo uma área de 47 mil hectares (LEROY, 2005), formado sobre área imemorial de sesmarias e antigos territórios indígenas. Hoje, esse imenso reservatório, serve a um pseudo-ecoturismo acessível aos turistas internacionais e a elite matogrossense (PASSOS, 2009).

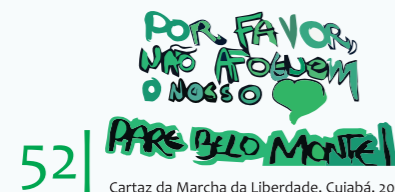
Todos os entrevistados ressaltaram os assentamentos inadequados, pois esses povos foram retirados das áreas úmidas dos vales dos rios Quilombo, Casca e Manso e foram reassentados em áreas de Cerrado, sem nenhuma preocupação com as condições locais para a manutenção dos seus modos de vidas.

Minha identidade estava no lugar que eu morava que se perdeu, minha casa está embaixo das águas da usina de manso. Hoje, não moro em lugar nenhum porque tiraram minha terra. Não tenho onde plantar, colher ou criar nossos animais. Nossos parentes foram embora. Nossos filhos não voltarão porque não temos nada mais. (Maria Guerreira, atingida pela barragem de Manso, II Seminário de Mapeamento Social).

Vivenciamos a implantação de centenas de usinas hidrelétricas e de pequenas centrais hidrelétricas (PCH) em MT. É constante às lutas dos grupos sociais na resistência a estes projetos!



www.mabnacional.org.br/



Cartaz da Marcha da Liberdade, Cuiabá, 2011.



www.mst.org.br



Acampados

O Estado de MT possui uma intensa concentração de terra e os acampamentos são expressões de resistência a este modelo implantado. Atualmente, os acampados estão em mais de 500 acampamentos que lutam pela reforma agrária. De acordo com a coordenação estadual do MST-MT, somente neste movimento são mais de 2.500 famílias buscando serem assentadas. Na região Araguaia, destacamos a atuação do bispo Dom Pedro Casaldáliga como parceiro importante nessas lutas camponesas. Participaram dos seminários de mapeamento representantes de acampamentos nos municípios de Terra Nova do Norte, Marcelândia, Colíder, Cáceres, Jaciara, Nova Canaã do Norte, Rondonópolis, Nova Santa Helena, Cláudia, Glória do Oeste, Porto Esperidião, Tangará da Serra, etc..



www.viacampesina.org



Assentados

Os assentamentos rurais estão localizados em diversos pontos do território de MT. Ao todo, temos 405 projetos de assentamentos oficializados pelo INCRA-MT. Há também alguns projetos que foram implantados pelo Instituto de Terras de Mato Grosso (INTERMAT). Além disso, vale destacar que existem muitos outros assentamentos que ainda não foram regularizados por nenhum órgão público. Os assentados são agricultores familiares-camponeses que constroem seus significados e identidades, muitas vezes, por meio da economia solidária; geralmente vivem de agricultura de subsistência. Se autodenominam como MST na luta identitária. Mas, há também, outras frentes de luta como o MPA, o MMC, etc.

ESCOLHAS E FILOSOFIAS DE VIDA

Nesta dimensão estão descritos alguns grupos/movimentos que surgiram no escopo da contracultura iniciada nos anos 60. A contracultura veio nos dizer que o modelo de sociedade e o sentido da vida que os seres humanos projetaram estavam em crise e um exemplo claro desta crise foi a crença de que a economia poderia ser a base de nossa felicidade. Em resumo, são expressões de identidades construídas em movimentos, em religiões, artes e/ou nas lutas por causas diversas.

Estão descritos grupos/movimentos sociais, como o movimento ecologista, o movimento dos artistas pela natureza e o movimento hippie, a luta pelo direito dos negros; das etnias, entre outros. Muitos outros movimentos surgiram e continuam a surgir na contestação das alterações causadas pelos projetos desenvolvimentistas e/ou no apoio aos grupos sociais atingidos por eles, como os eclesias de base, as pastorais da igreja católica, os movimentos ligados à teologia da libertação, entre outros representantes.

Identidades de grupos que surgiram nas escolhas por lutas identitárias



alguns movimentos...

Movimento Ecologista

Com a contracultura emerge a luta do movimento ecologista que se fortaleceu na contestação do modelo econômico dominante. A educação ambiental também nasce no bojo desse movimento, e se fortalece na luta contra os padrões hegemônicos e hierárquicos de poder e de ausência da democracia. Hoje, no Brasil, há uma corrente fortalecida de uma educação ambiental com forte abordagem política.

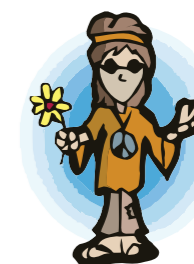
No Estado de MT, nas décadas de **70 e 80**, de acordo com narrativas nos seminários, destacou-se a atuação das Organizações Não Governamentais (ONG), tais como a Associação Mato-Grossense de Ecologia (AME-MATO GROSSO), a BIOCONEXÃO e o Instituto de Ecologia e Populações Tradicionais do Pantanal (ECOPANTANAL).

A respeito da década de **90**, destacou-se a criação do FORMAD que foi constituído em 6 de abril de 1992, bem como, o nascimento em 1996, da REMTEA, como fruto das articulações iniciadas durante a ECO92. A rede é atualmente liderança forte em MT, contando com encontros presenciais bianuais e listas virtuais na articulação de diálogos locais, nacionais e internacionais. A REMTEA participa de várias instâncias democráticas de políticas públicas. O elo mais forte da rede é o GPEA/UFMT. Em atuação mais recente, ressaltamos o CJ-MT que reúne jovens voluntários interessados pela temática socioambiental, agregando um total de onze coletivos no Estado. E, o já citado neste trabalho, GTMS. No município de Cáceres e região foi citada a luta do FLEC, do Instituto Gaia e da Sociedade Fé e Vida. Em Rondonópolis, região sul do Estado, foi destacada a atuação da ARPA.

Destacamos as instituições narradas pelos participantes dos seminários, mas certamente, embora não citadas aqui, teremos muitas outras entidades que são importantes e atuantes na luta ecologista deste Estado.

movimento hippie

Atualmente o movimento hippie se localiza majoritariamente no município de Chapada dos Guimarães; trazem traços e legados do movimento da contracultura da década de 60. Mergulhados na paixão pela natureza, alguns vivem em comunidades alternativas, gostam de alimentação natural (permacultura) e vivem de turismo ecológico, vendas de artesanatos ou produtos orgânicos de suas hortas.



alguns movimentos...

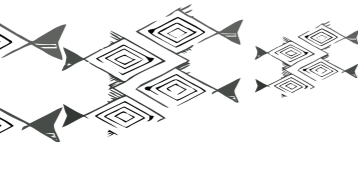
Movimento **Artistas pela Natureza**

O movimento artistas pela natureza foi iniciado na década de 80, que teve seu auge na criação do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, e ainda persiste na luta assumida por diversos artistas mato-grossenses, além de intelectuais, jornalistas e simpatizantes. Em MT, dentre os vários protagonistas, destacamos a importante contribuição dos artistas plásticos Bené Fonteles e Wladimir Dias-Pino, que trazem em suas obras uma forte preocupação referente ao humano e à questão ambiental. O movimento artistas pela natureza tem raízes na arte, espiritualidade e ecologia. De acordo com Bené Fonteles, um dos fundadores, o movimento artistas pela natureza nasceu em MT e depois foi ampliado para um movimento nacional.

★ FONTELES, Bené. In: SATO, Michèle (Org). **ECO-AR-TE**: para o reencantamento do mundo. São Carlos: RIMA, 2011.

Indigenistas

Os indigenistas, em MT são, principalmente, os militantes do CIMI e OPAN; o **CIMI** é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi criado em 1972. Em sua atuação missionária conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica, junto aos povos indígenas.



A **OPAN** foi fundada em 1969 e desenvolve, desde então, projetos de trabalho junto aos povos indígenas, nas regiões centro-oeste e norte do Brasil.



movimento **negro e das mulheres negras**

É necessário ressaltar que o movimento negro engloba várias lutas, e ao contrário do que muitos pensam, não está vinculado somente a luta pelos direitos dos quilombolas. Ivan Belém, militante do movimento negro e pesquisador do GPEA, nos relata que o movimento negro e das mulheres negras surgiu em MT na década de 80, com a forte atuação do Sr. Geraldo Henrique Costa, que foi um dos fundadores do núcleo estadual do Grupo de União e Consciência (**GRUCON-MT**), núcleo com sede em Cuiabá/MT. Possui ainda núcleos em diversos municípios mato-grossenses. De acordo com Ivan Belém (2008), quando o Sr. Geraldo trouxe essa discussão para o Estado causou inúmeras reações, inclusive de desconfiança sobre a seriedade de suas propostas, pois não se falava sobre racismo por aqui. O GRUCON-MT nasceu dentro do movimento católico. Seus membros pertenciam à comunidade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Após tantos anos, muitas foram as conquistas, como a implantação da política de reparações, que inclui, dentre outras coisas, as cotas nas universidades.

Sentiu-se também a necessidade de criar um grupo que tratasse especificamente da questão de gênero focado na mulher negra, considerando-se que esta tem suas especificidades, inclusive na questão da saúde. Algumas doenças acometem especialmente os afro-descendentes, particularmente as mulheres. Foi assim que Antonieta Luisa Costa, filha de Sr. Geraldo fundou o Instituto de Mulheres Negras (**IMUNE-MT**).

Destacamos aqui a **Rede Axé Dudu** que foi fundada em 2007 e visa fortalecer o movimento negro em aliança com a dimensão ambiental.



REMARPCOMTRA, FLEC, Grupo Raízes e Sociedade Fé e Vida

Destacamos também, as redes e os movimentos que vêm trabalhando no Estado para a articulação dos povos e comunidades tradicionais, especialmente no Pantanal, citamos a **REMARPCOMTRA**, o **FLEC**, o **Grupo Raízes** e a **Sociedade Fé e Vida** de Cáceres.



Grupos com expressões ligados às espiritualidades

Estão espalhados por todo o território mato-grossense, foram narrados:

Os **benzedeiros** são pessoas com dom de eliminar o mal estar pela fé religiosa cristã, e alguns utilizam ervas, raízes e plantas medicinais para a cura. As **rezadeiras** são grupos de mulheres que rezam durante os velórios, algumas vezes com a “pastoral dos enfermos”, das dioceses das paróquias católicas, que zelam e oferecem acompanhamento dos doentes terminais.

Já os praticantes das religiões de matriz africana, estão identificados como **candomblecistas**, presentes em quase todo território de MT. Cuiabá, capital do Estado, conta com três grandes centros. Seus ritos mantêm conexão com a natureza, mantendo tradições mais genuínas do legado africano. Quanto aos **umbandistas** são grupos com traço marcante nos orixás africanos, estes conjugam a fé cristã no sincretismo religioso. Ainda celebram o dia 13 de maio [lei áurea], distanciando-se dos candomblecistas que só comemoram o dia de 20 novembro [zumbi dos palmares].

Vários movimentos como o CIMI, a CPT, a Pastoral da Juventude Rural (PJR), mantêm essa forte ligação com a religiosidade. A teologia da libertação é um importante movimento que está comprometido com a luta contra a pobreza e exclusão social à luz da fé cristã. Este movimento inspira várias pessoas e entidades.

As **Comunidades Eclesiais de Base (CEB)** são constituídas por integrantes das comunidades religiosas cristãs (católicas), em todo território de MT, que articulam as comunidades locais em lutas diversas. Passos (2010) enfatiza a atuação da Paróquia do Rosário e São Benedito, em Cuiabá, que desde a década de 80 vem empreendendo esforços de construção de expressão democrática com importante experiência de educação popular, religiosa e política. Na atualidade o autor destaca a atuação do **Centro Burnier de Fé e Justiça** no qual operam o Jesuíta João Inácio Wenzel, Roberto Rossi e Inácio Werner, onde se produz o trabalho social de enorme importância.



**Centro Burnier
Fé e Justiça**

www.centroburnier.com.br



O MAPA DOS GRUPOS SOCIAIS DO ESTADO DE MATO GROSSO

O **mapa dos grupos sociais de MT** emerge frente à necessidade de registrar e mapear estes sujeitos nos territórios mato-grossenses. Subsidiados pelo uso de tecnologias de processamento de dados georeferenciados, apresentamos uma espacialização das identidades descritas neste trabalho. O processo para elaboração do mapa levou em consideração os dados coletados até dezembro de 2010. É relevante frisar que a maioria dos pontos do mapa foram georeferenciados de acordo com suas coordenadas geográficas, contudo, alguns pontos trazem uma localização aproximada, segundo as narrativas dos grupos pesquisados. Vale enfatizar que mesmo os pontos terem sido apontados durante as oficinas, quando haviam informações disponibilizadas, foram confirmados por meio de consultas a dados secundários: artigos científicos, relatórios técnicos e acadêmicos, etc..

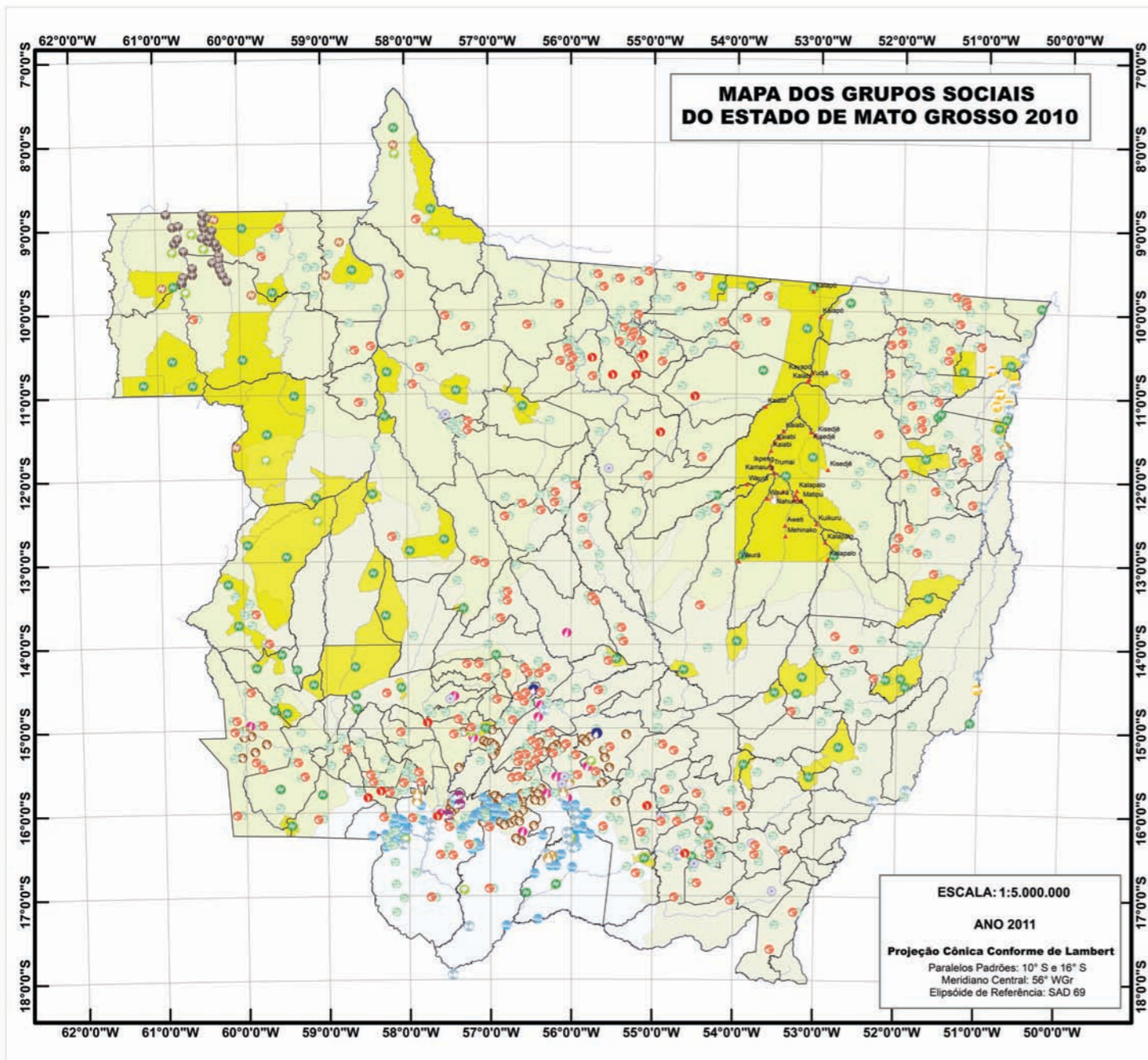
Algumas identidades mapeadas, como os grupos com expressões ligadas a espiritualidade e alguns movimentos e articuladores, não foram espacializados no mapa por encontrarem-se em diversos pontos do Estado, impossibilitando representá-los cartograficamente.

Reconhecemos que o mapeamento destes grupos é um processo dinâmico e, por certo, existem grupos não registrados pela pesquisa. O mapa social não tem a pretensão de fechar o conjunto dos protagonistas que formam as identidades de resistência em MT. Porém, traz o registro de alguns grupos sociais, descritos até aqui.

É uma proposta inovadora, no registro de uma história em construção, dinâmica, tecida por continuidades e descontinuidades e, portanto, temporária. Destacamos que o Mapa Social não se trata de um censo e nem mesmo de um levantamento exaustivo, mas de um panorama da situação atual, um retrato – sempre temporário – das identidades que pulsam nos territórios de MT.

É importante e urgente uma política pública que enfatize e fortaleça a resistência desses grupos sociais. Destarte, o Mapa Social possa contribuir na emergência de luta pelos desejos da justiça social com intrínseca conexão ambiental. É incomensurável o valor simbólico que se expressa nas identidades e nos territórios mapeados; é importante que as políticas públicas de MT, seus programas ou projetos políticos tracem suas metas para o reconhecimento e inclusão desses povos.





LEGENDA

GRUPOS SOCIAIS

-  acampados
-  agricultores familiares
-  atingidos por barragens (MAB)
-  assentados
-  artesãos
-  povos ribeirinhos
-  povos ciganos
-  povos extrativistas
-  povos morroquianos
-  povos pantaneiros
-  retireiros do Araguaia
-  seringueiros
-  grupos de siriri, cururu e dança do congo
-  povos indígenas
-  povos indígenas isolados
-  povos quilombolas

ÁREAS PROTEGIDAS

-  Terra Indígena

HIDROGRAFIA

-  Rios

BIOMAS

-  Amazonia
-  Cerrado
-  Pantanal

Dados Compilados do I° SEMINÁRIO DE MAPEAMENTO SOCIAL – 2008 e do II° SEMINÁRIO DE MAPEAMENTO SOCIAL – 2010.

NOTA:
Algumas identidades mapeadas, como os grupos com expressões ligadas a espiritualidade e alguns movimentos e articuladores, não foram espacializados no mapa por encontrar-se em diversos pontos do Estado impossibilitando representá-los cartograficamente.



GTMS
Grupo de Trabalho
de Mobilização Social

GPEA
Grupo de Trabalho em Educação Ambiental, Comunicação e Arte

UFMT

MAPA DOS GRUPOS SOCIAIS DO ESTADO DE MATO GROSSO 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT
GRUPO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, COMUNICAÇÃO E ARTE - GPEA
GRUPO DE TRABALHO DE MOBILIZAÇÃO SOCIAL - GTMS
AGÊNCIAS DE FOMENTO: CNPq e FAPEMAT - APOIO TÉCNICO: SEPLAN/MT

Organizado por: SILVA, R.; JABER, M.; SATO, M., 2011.
ISBN: 78-85-911436-7-2.

Os territórios de nossas esperanças

O momento pode estar repleto de volatilidade e incertezas, mas isto significa também que é um momento do inesperado e cheio de potencialidades revolucionárias. David Harvey

De acordo com Eduardo Galeano: “a primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la”. Esperamos que os resultados aqui apresentados sejam apropriados pela sociedade civil, para subsidiar a articulação, as parcerias e as alianças, para que os indivíduos e as instituições aprofundem sua participação social. Sobremaneira, esperamos que o mapeamento seja considerado também pelo Estado e pelo governo, para a inclusão e para a transformação do status quo que esses grupos enfrentam. Consideramos que esta publicação é um importante passo para o reconhecimento desses grupos, mas, sobretudo, é preciso ir além, pois apenas mapeá-los não garante que serão considerados nas políticas públicas.

Os caminhos para a participação democrática é trabalhoso e deve ser uma conquista cotidiana, para que os povos possam ser construtores de sua própria vida e de sua própria história. Nessa trajetória, destacamos a importância do **GTMS** que, sem dúvida, é na atualidade um importante espaço de convergências de vários grupos e movimentos na articulação pela defesa de políticas públicas mais inclusivas e sustentáveis. O GTMS é um dos territórios de esperanças dessas lutas diversas. Tem sido uma lição de educação ambiental e uma estrutura de aprendizagens coletivas em pleno processo político.

O mapeamento dos grupos sociais, apresentado neste caderno, constitui-se como plataforma política de luta dos segmentos sociais vulneráveis. É defendido também como um reconhecimento à diversidade destes segmentos, que são conscientes de suas belezas e de suas densidades de vida, vistos por nós como a resistência mais sólida contra a degradação dos ecossistemas e na luta pelo reconhecimento das diversidades socioculturais. Buscamos, exaustivamente, ampliar a visibilidade dos grupos mapeados e socializar as informações proporcionadas por nossa pesquisa. Acreditamos que dar visibilidade ao mapeamento dos grupos sociais, poderá fortalecer os protagonismos dos grupos presentes nas lutas diversas.

Há diferentes identidades, diversos modos de vida e diferentes significações dos territórios. E, na maioria das vezes, há conflitos entre estas diferentes concepções. A defesa das diferenças culturais, das identidades coletivas, da autonomia e da autodefinição desses povos são dimensões atuais, da luta pelos direitos coletivos que também implicam na conservação dos ecossistemas.

Se todo esse caminho para a construção do mapeamento dos grupos sociais de MT servir para transformar a dura realidade em uma vida mais digna para alguns grupos, ou mesmo de somente um, já valeu todo esforço e todo nosso árduo trabalho nessa pesquisa. É fundamental que se reconstrua a capacidade de sonhar - e de sonhar com a Utopia Freireana, onde o sonho se intercomunica com a luta e com a esperança. É essencial que dela nos venha a inspiração de novas concepções de mundo, num processo democrático, em eterna construção e reconstrução, capaz de conciliar a diferença, a diversidade, a equidade, a consciência e a defesa do direito à dignidade e à autonomia de todos os povos.

É possível que a fúria contra as injustiças ambientais venha à tona, ela pode adormecer temporariamente na cotidianidade, mas jamais consegue ser esquecida. Entretanto, a esperança ainda pode transmutar a força da indignação em um poder que pode nos mover à concreção das nossas lutas. **MT poderá ser um dia, quem sabe, o sinônimo de cidadania.**

As nossas mãos entrelaçadas, as nossas vozes em coro, poderão possibilitar que muitas outras vozes - silenciadas pelo progresso desta nação - sejam ouvidas. Talvez, ao nos escutar, ao se enxergarem no mapa, esses grupos sociais aqui retratados poderão aprender também a falar, a gritar, a cantar, a fazer e a expressar sua forma de vida e sua vontade de viver com dignidade, mantendo suas IDENTIDADES em seus TERRITÓRIOS DE ESPERANÇAS, que se unem aos nossos sonhos!

É preciso fortalecer as identidades de resistência e os múltiplos caminhos das sociedades sustentáveis - sempre no plural!

Na cartografia das lutas! Em diferentes itinerários, mas que revelam um único desejo: ESPERANÇA!
Michèle Sato

"Podem tirar-nos tudo, menos a esperança." Dom Pedro Casaldàliga



Bibliografia

AZEVEDO SILVA, Aluizio Júnior. **A Liberdade na Aprendizagem ambiental cigana dos mitos e ritos Kalon**. Cuiabá: UFMT, 2009. 268 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Decreto Federal 4.887**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF, 2003.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **A construção de uma nova ciência da conservação nos trópicos**. São Paulo: NUPAUB, 2001.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Povos e águas**. 2 ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre populações humanas e áreas úmidas brasileiras, USP, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro formação e territorialização do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST (1979–1999)**. São Paulo: USP, 1999. 318 p. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, 1999.

HARRIS, Mônica. et al. Desafios para proteger o Pantanal brasileiro: ameaças e iniciativas em conservação. **Megadiversidade**. v. 1 n. 1, p. 156-164, Julho de 2005.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê IPHAN 8: Modo de fazer Viola-de-Cocho**. Brasília, DF: IPHAN, 2009.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**. Lisboa, v. 4 (2), p.333-354, 2000.

LEROY, Jean-Pierre. Cidadania, sustentabilidade e dignidade: conceitos em busca de indicadores. In: PACHECO, T. (Org.) **Linha de dignidade: construindo a sustentabilidade e a cidadania**. Rio de Janeiro: FASE, Projeto Brasil Sustentável e Democrático, 2005, p.11-36.

MACHADO, Maria Fátima Roberto (Org). **Diversidade sociocultural em Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MATO GROSSO. **Lei n.º 7164**, de 23 de agosto de 1999. Dispõe sobre a criação da Reserva Extrativista Guariba-Roosevelt e dá outras providências. Cuiabá, 1999.

MEA, Millennium Ecosystem Assessment. **Ecosystems and Human Well-being: Scenarios**. v. 2. Nova York: ONU. Organização das Nações Unidas, 2005.

OLIVEIRA, Herman Hudson de. **A prática musical educativa na Dança do Congo do Quilombo Boa Vida - Mata Cavallo: espaços e continuidade**. 2009, 56f. Monografia (Graduação em Música), Instituto de Linguagens, Departamento de Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

PASSOS, Luiz Augusto. **Fundamentos de Filosofia: os caminhos do “Pensar” para quem quer transformação**. fasc. 01. Programa de Formação da CNTE – Eixo II: Formação de Dirigente Sindicais. Rio Janeiro: Esforce/EdUfmt, 2009.

PASSOS, Luiz Augusto. **Saberes e práticas da Educação Popular Freiriana na década de 80, em Cuiabá**. Cuiabá: UFMT, 2010. (mimeo).

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

RICARDO, Beto; RICARDO, Fany (Orgs). **Povos indígenas no Brasil, 2001-2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006.

ROMANCINI, Sônia Regina. Paisagem e simbolismo no arraial pioneiro São Gonçalo em Cuiabá / MT. **Espaço e Cultura**. UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 81-87, jan./dez. 2005.

SATO, Michèle. et al. Um mergulho na cultura pantaneira. In: **Tom do Pantanal**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001, 38p. (mimeo).

SCOLESE, Eduardo. Cidades que mais desmatam lideram crimes na Amazônia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 abr. 2008. Brasil, p. A4

SEMA. Secretaria de Estado do Meio Ambiente. **Mapa dos Biomas Mato-Grossenses 2010**. Disponível em: http://www.sema.mt.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=170&Itemid=107. Acesso em dez. 2010.

Sobre o livro

Formato: 21x22 cm.

Tipologias utilizadas: Candara, Impress BT, Raspoutine e Romy.

Papel: Reciclato 90g (miolo) e Reciclato 240g (capa)